

AMOR

a primeira ~~vista~~

ROSA

por Camilla Carneiro

PROMOÇÃO

LEVE 2 VASOS
COMPRE 1

*Dia dos
Namorados*





AMOR

a primeira vista

ROSA

Copyright © 2022 Camilla Carneiro

Todos os direitos reservados.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.

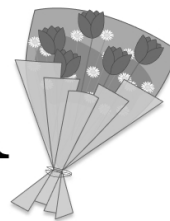
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito do autor.

Capa: Bruno Marquina
Revisão: Alina (@GBeditorial)

Para quem é apaixonado pelo amor: feliz dia dos namorados.



Capítulo 1



Marcus

Cada flor tinha um significado diferente.

Girassóis, por exemplo, que eram as flores preferidas de grande parte das pessoas, significava adoração e lealdade. Lírios queriam dizer humildade e devoção. As orquídeas, por outro lado, tinham os conceitos de fertilidade, elegância e luxúria ligados a ela. As tulipas, uma das favoritas da mamãe, podiam ser definidas como amor verdadeiro, esperança e realeza.

Dona Amélia dizia que foram as flores que a fizeram se apaixonar por ele, quando estavam se conhecendo. Todas as gerações da família do meu pai, Edward, herdaram a floricultura, por isto, ela estava, há anos, nas mãos dos Jenkins. O lema da nossa família era um pouco diferente das demais: enquanto umas diziam que se conquistava a pessoa amada pela boca, a nossa afirmava que era por meio das flores. Por isso, em um dos primeiros encontros dos meus pais, ele levou tulipas e explicou o significado delas para ela. A mamãe sempre contava que, naquele momento, ela soube que se casaria com ele.

Como eu era filho único, seria o próximo a herdar a floricultura quando meus pais se aposentassem e estava muito animado. Eu trabalhava aqui quando não estava em aula — já que cursava artes plásticas na cidade vizinha — e contava os dias para poder chamar a loja de *minha*. E uma das regras principais para isso acontecer, era saber os significados da maioria das flores disponíveis na loja, para

ajudar os clientes a escolher aquela que melhor se adequava à ocasião. Como vivia nesse meio desde pequeno, sempre fui ensinado sobre o assunto, e tinha as minhas preferidas.

Por mais que clichê que fosse, minhas flores preferidas eram as rosas. Como elas tinham uma variação de cores, cada uma tinha seu significado. E acho que é por isto que eram as minhas favoritas: podiam ser iguais, mas possuíam definições distintas. Cada uma detinha sua peculiaridade. As mais tradicionais, vermelhas, significam amor, paixão e beleza. Era uma das flores que mais saíam na floricultura. As brancas, no entanto, eram mais voltadas para a pureza, inocência e silêncio. Amarelas tinham os conceitos de amizade, novos começos e alegria atreladas a elas. Cada uma contava uma explicação diferente para cada cor, então, listar todas levaria muito, muito tempo.

Nós, funcionários da *Jenkins Flores*, tínhamos que ajudar o cliente a escolher as flores, e, para isto, precisamos dos detalhes — da ocasião e da pessoa — a ser presenteada para sugerirmos a melhor flor. Às vezes, claro, as pessoas não aceitavam nossas opiniões e escolhiam as que queriam, mas sempre tentávamos deixar bem claro que a escolha e o significado era importante. Com todos os buquês, ia um cartãozinho com o conceito daquela flor e um espaço para recados. Dessa forma, a pessoa presenteada saberia a intenção daquela que a presenteou.

E, por isso, eu estava ouvindo minha melhor amiga tagarelar sobre flores, seus significados e porque o namorado deveria lhe dar um buquê específico, e sobre como eu deveria auxiliá-lo da maneira que ela queria.

— Marcus, estou falando sério! — Lauren me falou, pela décima vez. — Tem que ser lírios, é minha flor preferida — ela reclamou, de novo, fazendo um biquinho fofo.

— Amiga, lírios significam humildade e devoção — eu expliquei, mais uma vez para a loira na minha frente. — Você é a pessoa menos humilde que eu conheço e só é devota a si mesma.

— E o que é que tem? — perguntou, um pouco irritada. — Você não está imaginando a cena comigo! Imagina só, eu, depois de ganhar o concurso de Miss Millsh pela 3º vez consecutiva, pronta para participar do concurso de Miss do estado, e Joe aparece com um buquê de lírios, pronto para me parabenizar — a loira explica, com os olhinhos brilhando. — Imagina só as fotos! Iam ficar maravilhosas também.

Lauren Hayes participava de concursos de beleza desde os seus 5 anos, um pouco antes de eu conhecê-la e nos tornarmos melhores amigos. Com o cabelo loiro até metade das costas, os olhos verdes escuros e algumas sardinhas pelo nariz e bochechas, ela era considerada a garota mais bonita do colégio, quando estudávamos. Mesmo agora, ambos na casa dos 22 anos, ela continuava absolutamente estonteante. O pior era que minha amiga sabia quão linda era, e sempre usava isso ao seu favor, fazendo com que todas as meninas do ensino médio a odiassem, e ela só me tivesse como amigo. Lauren podia até ser minha melhor amiga, mas eu sabia o quanto ela era uma pessoa difícil de lidar.

— Você não acha que seria mais interessante se ele aparecesse com flores que demonstrassem exatamente o sentimento que ele nutre por você? Algo que fizesse jus à relação que vocês tem?

— Não, Marc, eu prefiro ganhar lírios — ela respondeu, cruzando os braços e olhando me bem no fundo dos olhos, parecendo que estava me desafiando a contrariá-la. Felizmente, eu conhecia bem minha amiga.

— Vou ver o que posso fazer, mas não prometo nada — dei minha resposta final, apenas para ela parar de me perturbar sobre o assunto, que já tinha rendido quase uma hora de conversa.

— Você é o melhor, Marc! — falou, sorrindo de orelha a orelha, e depositando um beijo na minha bochecha antes de sair da floricultura.

Normalmente, como estava de férias, eu e meus pais trabalhávamos juntos, mas, hoje, eles tiveram que levar vovó, mãe de Edward, no hospital, porque ela tinha sofrido uma queda doméstica. Estava tudo bem, mas eles preferiam passar uma tarde com ela depois que ela saísse da emergência. Por isso, eu estava sozinho na Jenkins Flores. Era verão, então Millsh estava bem cheia, mas também era terça-feira, ou seja, o movimento estava fraco na loja. Tinha até conseguido ler metade de um livro, e não eram nem três da tarde ainda!

Estava cantando vitória cedo demais, porque, assim que abri o livro na página que tinha parado antes de Lauren aparecer, ouvi o sininho da porta de entrada tocar e uma pessoa entrar por lá.

Eu nunca o tinha visto por aqui antes, mas era o homem mais bonito que já tinha passado por Millsh, podia afirmar com convicção. Estava quase 30 graus lá fora, mas o estranho estava com uma calça caqui — *mauricinho!* — e uma blusa polo azul-clara. Os cabelos eram loiros escuros, um pouco encaracolados, e ele tinha algumas sardinhas no rosto. Ele estava observando as flores, de lado, então não consegui ver muito bem a cor de seus olhos. Até de perfil ele era gato, como podia? Injusto com a sociedade!

— Olá, boa tarde! — falei, chamando a atenção do homem bonito. — Como posso ajudá-lo?

— Ah, olá — ele respondeu, caminhando até o balcão onde eu estava. É, ele era o homem da minha vida, eu tinha certeza. — Eu queria comprar um buquê de aniversário para minha mãe.

— Claro, claro. Tem alguma preferência ou posso auxiliá-lo?

— Hã... não tenho, na verdade. Gostaria mesmo de uma ajuda — ele disse, sorrindo. *E que sorriso bonito!*

— Tudo bem! Vou te ajudar a escolher o buquê de flores perfeito para sua mãe... — eu deixei que o rapaz bonito completasse a lacuna com seu nome.

— Paul.

— Certo, Paul, vamos lá! — Saí de trás do balcão e indiquei com a cabeça para que ele me seguisse para onde algumas flores estavam. — Cada flor tem um significado, não sei se você já sabia disso. Rosas, margaridas, tulipas.. todas tem uma definição diferente. Você tem alguma flor favorita?

— Eu gosto muito de rosas — Paul respondeu, com um sorrisinho de lado.

— E qual cor de rosa é sua preferida?

— Hã... eu gosto muito de azul, mas nunca vi nenhuma rosa desta cor — o loiro respondeu. Naquele dia, infelizmente, não tinha nenhuma rosa azul para eu mostrar a ele. Não tinha problema, o destino sabia o que fazia.

— Rosas azuis são muito bonitas, eu adoro! Mas, infelizmente, estamos sem agora... normalmente fazemos sob encomenda, já que é uma cor um pouco inusitada — expliquei, e Paul assentiu. — E como é a relação da sua mãe com você? Assim posso escolher a flor perfeita para ela.

Paul hesitou antes de responder, parecendo não saber se revelaria ou não sobre sua vida para mim, um completo estranho. Isso durou segundos, até eu sorrir para ele, em um gesto de confiança e bem amigável, para que ele me contasse o que eu precisava saber.

— Nossa relação é muito boa — o rapaz respondeu, finalmente, sem hesitar. — Nós estamos sempre juntos, para tudo, e ela me apoia em tudo. É a melhor mãe do mundo, sem querer me gabar. Não tem como nossa relação ser melhor do que já é.

— Bem, fico feliz que você tenha uma relação tão incrível com sua mãe — respondi, ainda sorrindo. *Bonito e ainda era próximo da família? Demais para meu coração!* — Eu sugiro uma mistura. Podemos colocar algumas margaridas — falei, pegando cada flor de

acordo quando falava —, que significam novos começos e maternidade. — Fui até onde estavam outras flores que precisava e continuei: — Alguns cravos, que querem dizer amor e admiração. E, ah, claro, jasmimes, que são para amor incondicional e eterno. O que você acha? — perguntei, ansioso pela sua resposta. Sempre ficava muito animado quando montava buquês.

— Eu... eu achei incrível, de verdade — o loiro disse, parecendo realmente admirado com o que eu tinha dito. — Não sabia de nada do que você explicou e achei muito interessante. Acho que minha mãe vai adorar, mas...

— Todos os buquês vêm acompanhados de um cartãozinho, explicando os significados das flores e com um espaço para um recado, se a pessoa desejar — me adiantei, já sabendo o que falaria.

— Nossa, ainda bem. Não me lembraria de tudo isso — Paul respondeu, e nós rimos. — Estou realmente admirado por você saber tudo isso de cabeça.

— Muita prática — falei, dando de ombros e voltando ao balcão, com ele no meu encalço. — Vai levar agora? Ou prefere que nós entreguemos em uma data específica?

Eu torcia para uma resposta específica. *Por favor, universo, me ajuda nessa*, desejei mentalmente.

— Ah, poderia entregar na quinta-feira? É o dia do aniversário dela — perguntou, e eu concordei, passando uma ficha para que ele completasse sobre os dados da entrega.

— Então... quais são as flores preferidas da sua namorada? Sempre tem promoções se você levar mais de um buquê — perguntei, nada sutil. Paul percebeu minha indireta, porque riu enquanto preenchia o papel.

— Bem, as flores que meu *ex-namorado* menos odiava eram margaridas. De resto, ele dizia que era coisa para gente morta —

Paul respondeu, olhando para mim. *Isso! Obrigado universo!* Comemorei na minha cabeça, ele gostava de homens!

— Ex? Poxa, sinto muito — falei, descontraído, arrancando mais uma risada do loiro.

— Vou passar o verão na cidade, em uma casa de veraneio com meus pais — o rapaz me contou, olhando-me com aqueles lindos olhos. — Você já tem meu endereço e eu sei onde você trabalha, então... podemos nos esbarrar por aí. Só não sei o seu nome...

— É Marcus, mas pode me chamar de Marc — disse, estendendo a mão para cumprimentá-lo.

— Espero te ver muito por aqui ainda, Marc — ele me disse, com uma piscadela.

Quase desmaiei ali mesmo.

Finalizamos as formalidades — como pagamento e horário de entrega — e nos despedimos, deixando implícito quando ou se nos encontraríamos. Se dependesse de mim, eu o veria todos os dias pelo resto da minha vida.



Alguns dias passaram e eu não tinha visto Paul pela cidade. E eu nem sabia o sobrenome dele para procurar na lista telefônica! Bem... ele e a família estavam aqui de férias, então provavelmente só conseguiria o número de sua casa verdadeira, não a de veraneio

em que ele estava ficando. Tudo bem que eu tinha seu endereço, mas por mais cara de pau que fosse, não tive coragem de aparecer por lá. E eu acreditava no universo; se fosse para ser, seria.

Em relação ao buquê da mãe dele, meu pai que foi entregar no endereço que ele indicou. Eu poderia ter pedido para ser o entregador da vez, porém, eu raramente assumia esse papel, e, sempre que precisava, eu reclamava até não poder mais. O que podia fazer se eles queriam que eu rodasse a cidade de bicicleta entregando flores no verão? Impossível. De qualquer forma, não queria levantar suspeitas, então deixei que meu pai fosse até lá.

Da mesma forma que eu não via Paul há alguns dias, também não tinha nenhum sinal de Lauren. Tinha ido até sua casa, que era perto do centro da cidade — onde ficava a floricultura —, mas seus pais me disseram que ela tinha saído com Joe. Eles estavam namorando há apenas alguns meses, mas não se desgrudavam. Chegava a ser um pouco irritante. Eu queria passar um tempo com minha melhor amiga e o encosto estava sempre por perto. Apesar disso, ele era gente boa, simpático, nunca se incomodou por eu ter tido uma amizade colorida com a namorada dele antes entrar na jogada e nunca me julgou por eu ser bissexual. Eu também conseguia ver quão apaixonado pela loira ele era, e isso me deixava extremamente feliz. Entretanto, só queria uns momentos a sós com Lauren e eram muito difíceis de acontecer nesta altura do campeonato.

Chateado por não ver minha melhor amiga e sentir a falta dela, resolvi ir tomar um sorvete na sorveteria mais badalada da cidade. Eles tinham os melhores sabores e um estabelecimento muito fofo e amigável.

Para minha surpresa, assim que cheguei lá, encontrei uma figura conhecida sentada em uma das mesas do lado de fora, sozinha.

— Veio tomar sorvete e nem me chamou, sua palhaça? —
Cheguei reclamando e me sentei na cadeira à sua frente.

— Eu fui até a floricultura e a sua casa, e você não estava! — Lauren rebateu, quase deixando sua bola de sorvete na casquinha cair.

— Vou comprar um também e eu volto para discutirmos sobre quão mal criada você está sendo. — Apontei um dedo para ela de brincadeira, que riu e voltou sua atenção à sobremesa em sua mão.

Por ser a melhor da cidade, a fila estava enorme dentro da sorveteria. Fiquei quase 15 minutos em pé até chegar a minha vez. Eu e Lauren sempre íamos ali, então o atendente já sabia nossos pedidos. Por isso, assim que me aproximei do balcão para pedir, Hugo já estava pegando a bola de sorvete de framboesa, o meu favorito.

— Obrigado, Hugo — respondi, sorridente.

Pedi licença para o mar de pessoas dentro da pequena loja e voltei para o lado de fora, me sentando no lugar que tinha ocupado antes.

— Estou surpresa de você estar desacompanhada hoje — alfinetei, passando a língua pela bola de framboesa.

— Achei que você gostasse do Joe — Lauren disse, um pouco confusa.

— E eu gosto, mas também gosto de passar um tempo com minha melhor amiga a sós.

— Quando você se apaixonar, Marc, vai saber porque não consigo passar nenhum momento longe do meu amor — ela respondeu, e quem não a conhecia poderia mesmo comprar a carinha de amor que ela transparecia, mas eu sabia a verdade.

— Achei que você estivesse com ele porque a família é rica — falei, levantando uma das sobrancelhas e a loira bufou.

Ela podia ser minha melhor amiga, mas era uma pessoa ardilosa. Eu achava que ela gostava, sim, do Joe, mas não o amava, nem vai amá-lo. Lauren só amava três coisas: *poder, beleza e dinheiro*. Ela participava de todos os concursos de *Miss Millsh* porque recebia tudo que precisava: *o poder de ser a mais bela da nossa cidade, inveja de todas as garotas por ser bonita e dinheiro pelos seus primeiros lugares*. Com ele não era diferente, ela queria se casar e se tornar Lauren Diggory, para, assim, entrar em uma das famílias mais ricas e poderosas de Millsh.

— Isso é um grande atributo, mas estou com Joe porque o amo — ela respondeu, dando de ombros.

Eu não comprava tal mentira e ela sabia disso, mas deixei passar.

— Esqueci de te contar! — Lembrei, de repente, do que tinha acontecido há dias atrás e não tive a chance de falar para minha amiga. — Conheci um cara super gato na floricultura.

— Meu Deus, jura? Me conta tudo!

— Ele é loiro, tem um maxilar marcado e parece ser maurinho. Ah, ele tem uma relação ótima com a mãe e está de férias aqui com a família. O nome dele é Paul e ele é super simpático — contei, muito animado.

— Ele parece ser um ótimo partido mesmo — Lauren comentou, mas parecia um pouco receosa. — Mas, Marc, você sabe que não...

— Ele tem um ex namorado — cortei-a, já sabendo o que ela iria falar.

— Jura? Ele gosta de homens? — Sua expressão mudou, parecendo animada de novo e eu sorri. — Você precisa investir nele então!

Lauren ia dizer para eu não tentar nada com ele, antes de eu ter cortado sua fala. Ela se preocupava comigo, e sabia que muitos homens héteros não levavam flertes de outros homens numa boa. Por isto, sempre que eu me interessava por algum cara, nós confirmávamos, antes, se ele gostava de rapazes também, para não acontecer nenhum mal entendido. Estávamos quase nos anos 2000 e as pessoas continuavam extremamente preconceituosas. Qual o problema das pessoas beijarem quem elas realmente queriam? Eu nunca entenderia o que se passava na cabeça nojenta e homofóbica das pessoas. Felizmente, o universo tinha me presenteado com pais que me apoiaram em tudo, então, quando contei que gostava de homens e mulheres, eles me abraçaram e disseram que estavam ali para tudo que eu precisasse. Eles também me alertaram para a maldade das pessoas, e avisaram para eu sempre tomar cuidado. De qualquer forma, eu não poderia ser mais grato por ter pais tão incríveis como os meus.

— Já sei! — Lauren exclamou quando terminei de contar alguns detalhes de quando conheci Paul. — Você poderia chamá-lo para minha festa de aniversário na piscina!

— Seria uma ótima ideia, amiga, mas, para isso, eu precisaria en... — parei de falar imediatamente quando avistei uma pessoa conhecida caminhando na calçada da sorveteria, parecendo vir em nossa direção.

Como estava quente, Paul trocou a calça caqui para uma bermuda bege e uma blusa branca com listras vermelhas — que, claro, era polo — e para acompanhar o visual, um óculos aviador estava em sua cabeça, dando-nos o ar da graça de suas sardinhas, que pareciam ainda mais visíveis pelo sol.

— Oi, Paul. Senta aqui com a gente — convidei quando ele estava bem próximo de nós.

— Você é o misterioso Paul, então? — Lauren perguntou, sem nenhuma vergonha, e eu a chutei por baixo da mesa. — Ai! Acho

que algum mosquito me picou — respondeu, sem graça, e me fuzilou com o olhar. — Sou a Lauren, melhor amiga do Marc.

— Prazer, Lauren. Sou o Paul, mas acho que isso você já sabe — ele se apresentou e nos fez rir. — É isso que um cidadão de Millsh faz no verão? Tomar sorvete quando está um calor infernal?

— Ah, querido, este aqui é o sorvete — eu falei, orgulhoso do estabelecimento que era meu favorito há anos. — Prove. Duvido que você tenha comido algo igual — ofereci, estendendo minha casquinha para o loiro gato.

Devagar, parecendo estar em câmera lenta, Paul se inclinou em minha direção — *em direção da casquinha* — e eu desejei que o próximo lugar que aqueles lábios fossem tocar fossem os meus, mas eu sabia que não aconteceria. Não porque tínhamos acabado de nos conhecer, mas por estarmos em público. Era um dia movimentado em Millsh e eu não queria tentar a sorte, demonstrando um ato de afeto tão íntimo no meio de tanta gente. Ainda não me sentia seguro para tal.

Tirei os pensamentos da minha cabeça quando o rapaz passou a língua pelo meu sorvete, lentamente. Era uma cena quase erótica, ainda mais porque eu já estava imaginando aquela língua em outras partes de mim. *Partes que ficavam bem lá embaixo*. Para completar a cena, ele não tirou os olhos dos meus enquanto lambia a bola de framboesa. Um canalha!

— Realmente, é uma delícia. Entendo porque a fila está gigante — ele falou, apontando com a cabeça para dentro da sorveteria.

— Você não viu nada ainda. Eles tem uma filial perto do lago que fica próximo daqui, e, cara, essa fila não é *nada* comparada com a que tem lá — comentei, com várias memórias ótimas do lago passando pela minha cabeça.

— Aqui tem um lago? — ele perguntou, um pouco surpreso.

— É perto daqui, na verdade — Lauren explicou, já terminando sua casquinha. — Tem como ir de bicicleta, acho que dá uns 40 minutos pedalando. E lá tem umas festas fenomenais!

— Você precisa ir à uma... — falei, porque todos os jovens desta cidade pacata precisavam de um pouco de diversão.

— Pode contar comigo quando rolar alguma — Paul respondeu, sorrindo para mim.

Minha pressão podia abaixar mesmo eu me enchendo de açúcar no momento? Porque eu senti que ia desmaiar quando ele mostrou aquele sorriso perfeito. Ele não tinha um defeito, como podia?

— Falando em festas... — Lauren começou, e eu já sabia o que ela iria propor. — Faço 22 no fim de semana, e vai rolar uma festa na piscina na minha casa. O Marc adoraria que você fosse. — É claro, ela recebeu outro chute na canela pelo comentário. Desta vez, no entanto, ela não reclamou, apenas retribuiu na mesma intensidade. — Vou escrever o endereço para você. Acho que tenho um papel aqui — finalizou o convite e começou a procurar o tal papel na bolsa.

— Você *adoraria* que eu fosse, Marc? — ele provocou, com aquele sorriso cafajeste estampado na cara.

— Seria ótimo para você se enturmar neste verão — respondi, fingindo indiferença.

— Eu adoraria me enturmar com você.

Se não estivéssemos no meio de uma sorveteria, eu o puxaria para um beijo e ele estaria aberto para qualquer coisa que viesse depois que nossas bocas se chocassem. Precisava desse homem na minha cama o mais rápido possível.

Lauren acabou com nosso contato visual quando estendeu o papel com seu endereço para Paul, que agradeceu e garantiu que

estaria lá no dia e horário combinado. Ele se despediu da gente, dizendo que precisava voltar para casa, porque tinha um passeio para fazer com os pais, e deixou um beijo em nossas bochechas, o meu foi... perto demais da minha boca. Se fosse uma indireta, ele poderia ter certeza que eu tinha pego!

Eu e minha melhor amiga não demoramos muito ali, já que estava bem cheio e outras pessoas também queriam sentar para desfrutar de seus sorvetes. Um pouco depois da saída de Paul, nós nos despedimos e ela disse que iria se encontrar com Joe na casa da família Diggory, o lugar preferido dela.

Só porque eu ansiava pelo fim de semana, parecia que a semana passava mais lenta possível. Eu já não aguentava mais contar as horas para o aniversário de 22 anos de Lauren e para poder rever Paul. Era possível se apaixonar à primeira vista? Porque, se fosse, eu me definiria como completamente à mercê de Paul. E não sabia quase nada sobre o cara! Céus, eu era um desastre.

Finalmente sábado tinha chegado e, com ele, a festa da minha melhor amiga. Ela me chamou para ajudá-la a decorar, junto com Joe — é claro —, então cheguei um pouco mais cedo, já nas roupas de banho para quando os convidados chegassem.

— Que bom que você chegou, amigo! — Lauren quase gritou quando me viu passando pela porta de madeira que levava a parte de trás da casa, onde aconteceria a festa.

— Feliz aniversário, gata! — falei, puxando-a pela cintura para um abraço. — Eu te amo muito, viu?

— Também te amo, Marc — ela murmurou perto do meu ouvido, com os braços ao redor do meu pescoço. — Mas preciso que você ajude o Joe a levar todas as garrafas de bebida para a área externa e as coloque na geladeira.

— É para já! — respondi, seguindo para dentro da casa da minha amiga.

Não chocando absolutamente ninguém, a festa de Lauren não tinha tema, mas tinha uma cor por toda parte: branca. Era sua cor preferida. Tudo que envolvia branco, minha melhor amiga gostava. Flores favoritas? Lírios. Comida que mais gostava? Arroz. Cor que estava usando no momento? Um biquíni minúsculo *off-white* — já que ela me falou que branco poderia ficar transparente se ela entrasse na água.

— E aí, cara — Joe me cumprimentou assim que entrei na cozinha, enquanto carregava um caixote com cervejas.

— Oi, Joe. Tudo bem?

— Tudo ótimo, cara. Me lembre da próxima vez de convencer Lauren a fazer uma festa na minha casa, onde temos pessoas para fazer esse tipo de coisa — ele me disse, com uma careta de dor. — Estou ajudando nisso o dia todo, parece que nem sinto meus braços. O que pode ser um problema para um dos presentes que queria dar a ela, mais tarde.

— Que tipo de presente? — perguntei, um pouco confuso.

— Aquele tipo em que precisamos estar pelados e eu...

— Informação demais, Joe Diggory! — eu disse, levantando uma das mãos, indicando para que ele parasse de falar. — Deixa de ser fraco e vai levando essa caixa que eu vou te ajudar.

— Você é o cara, Marc — ele falou antes de sair pela porta de vidro.

E foi assim que eu passei quase três horas do dia ocupado demais para pensar em Paul: ajudando Lauren em sua festa de aniversário. Nós enchamos algumas bexigas, buscamos o bolo em uma confeitaria próxima e limpamos a piscina. Ela não tinha muitos amigos — na minha visão, eu era o único amigo verdadeiro dela —, mas adorava fazer festas e convidar toda a população jovem de Millsh. Como se dissesse *"viu? não preciso de vocês! vocês estão perdendo minha amizade e não podem desfrutar esse tipo de festa"*

durante os outros dias do ano". Eu achava que ela era um pouco solitária, mas nunca diria isso a minha amiga.

Quando finalmente terminamos, tudo que eu mais queria era minha cama e tirar um cochilo. Mas não podia. Tinha um final de tarde e noite para aproveitar ao lado de Lauren, Joe e Paul, eu esperava. Nós não nos vimos depois daquele dia, porém, eu estava confiante que ele viria.

Os convidados começaram a chegar lá pelas quatro da tarde, todos cumprimentavam a minha amiga assim que entravam no quintal. Eu não gostava muito disso, dessa falsidade. Tanto da parte da loira, tanto de todos que se prestavam o papel de aparecer e depois falavam mal horrores da minha melhor amiga por aí. Eu podia até ser um pouco cara de pau, mas tinha os meus limites.

Decidi ir até a geladeira, que fica na parte de fora, para pegar uma cerveja. Não era o maior fã de bebidas alcoólicas, mas em eventos sociais, gostava de dar um gole ou outro. Peguei uma garrafa e levei até a pia, logo ao lado, procurando pelo abridor. Caralho, como era possível? A festa mal tinha começado e já tinham sumido com ele?

— Merda — murmurei, baixinho.

Procurei por Lauren ou Joe, que sabiam abrir essas garrafas na força, mas eles não estavam por perto. O caszinho deveria ter saído escondido para transar. Que ótimo! Além de estar sem minha cerveja, estava sem amigos. O dia realmente estava bom.

— Quer uma mãozinha aí? — Uma voz sexy soou ao meu lado, e eu quase dei um grito de susto.

Quando virei o rosto, Paul estava ali. Com seus cabelos loiros, que agora pareciam queimados de sol, e as sardinhas mais aparentes. Sem perder a pose de maurinho, ele estava com uma bermuda bege, sem camisa e com os óculos escuros estilo aviador cobrindo seus lindos olhos. Estava quente demais ou era eu?

— Ei... oi, Paul — cumprimentei, tentando olhar para algum lugar que não fosse seu tanquinho. — E, sim, por favor. Sumiram com o abridor! — expliquei, ainda um pouco irritado.

— Deixa comigo — ele falou, pegando a garrafa da minha mão. Diferente dos meus amigos, o loiro apoiou a tampinha na quina da pia e, magicamente, com um pouquinho de força, a cerveja estava pronta para ser consumida por mim. — Prontinho.

— Você é o meu salvador, juro.

— Você pode me recompensar depois — Paul disse, sorrindo de uma maneira provocadora para mim. Eu adorava esse lado paquerador dele!

— Pode ter certeza que vou — respondi na mesma moeda, abrindo um sorriso e bebendo da minha bebida, sem tirar os olhos dele enquanto o fazia. — Vem, vamos ficar perto da piscina.

— Eu queria parabenizar a Lauren primeiro, se não for um problema.

— Bem, a aniversariante está ganhando um baita presente de aniversário do namorado neste momento, provavelmente em seu quarto — expliquei, indicando com a cabeça uma janela no andar de cima, que era a do quarto da minha amiga. — Mas como voce é um gato, eu acho que talvez eles toquem um sexo a tres.

— Me acha um gato, *uh*? — perguntou, e eu pude ver um pouco das sobrancelhas se levantarem por trás dos óculos.

— Gostoso também — confessei, dando de ombros. Eu não tinha vergonha de flertes descarados, mas Paul parecia que sim, porque foi a segunda vez que vi suas bochechas corarem.

— Também te acho bonito — ele respondeu, parecendo um pouco envergonhado.

— Só bonito?

— Tudo bem, você tem um corpo que não se é de jogar fora — Paul falou, com um tom de divertimento na voz e eu lhe dei um leve tapa no braço.

— Ei! Você sabe mesmo como ferir o ego de alguém — brinquei, fingindo irritação, e ele sorriu de novo. Ó céus, esse sorriso será a minha perdição.

— Eu... desculpa? Não sou muito bom nesse lance de flertar — o loiro admitiu, e eu fiquei meio surpreso pela sua sinceridade. Não sei porque, mas, desde o primeiro dia que nos conhecemos, senti que ele era uma pessoa muito reservada e não se abria com qualquer um, sobre nada.

— Você está indo muito bem — respondi, bebericando da minha cerveja e sem tirar os olhos dele.

Continuamos nos encarando, sem dizer nada. Tudo que eu queria era puxá-lo para dentro da casa de Lauren e beijá-lo até ficar sem fôlego. Mas não sabia se Paul apoiaria a ideia, ainda mais que o jardim onde estávamos estava lotado de pessoas. E, pelo jeito que ele parecia reservado, talvez não gostasse da exposição. Eu teria que averiguar isso ao decorrer da noite.

— Você veio! — Uma voz feminina disse por trás da gente e nós nos viramos, dando de cara com a aniversariante e seu namorado, de mãos dadas.

— Parabéns, Lauren! — Paul desejou, meio incerto se a abraçava ou não, olhando de soslaio para Joe e tentando ver o que ele acharia disso. Felizmente, minha amiga foi mais rápida e o abraçou.

— Muito obrigada, querido! — Eu tinha quase certeza que ela o chamou assim porque não lembrava o nome dele, mas não falei nada. — Amor, esse é o *paquera* do Marc.

— Lauren! — repreendi, e Paul e Joe apenas riram, se cumprimentando.

— Eu sou o Paul Hills, muito prazer — o loiro falou enquanto segurava a mão de Joe. Agora eu sabia o sobrenome dele!

— Prazer, Paul, sou Joe Diggory, namorado dessa gata aqui — ele disse, deixando um beijo na bochecha da minha melhor amiga. — Nós viemos convidá-los para jogar beer-pong, vocês topam?

— Eu tô dentro! O que você acha, Paul? — respondi, animado, e perguntei para o *meu paquera*.

— Vamos! — Paul exclamou, também animado, e seguimos Lauren e Joe para uma outra área do quintal.

Em todo pequeno percurso até a mesa que estava servindo para o jogo de *beer-pong*, Paul foi me seguindo, com uma das mãos pousada na minha lombar.



Depois de algumas partidas e muitas cervejas, eu e Paul nos aposentamos e deixamos outra dupla em nosso lugar.

Fomos nos sentar em uma das espreguiçadeiras mais afastadas do pessoal, e nos deitamos — cada um na sua — para observar as estrelas. Bem, pelo menos era isso que eu acho que estávamos fazendo, já que estamos há quase 15 minutos aqui e ninguém falou nada. Que seja, vou quebrar esse silêncio de merda!

— Então, Paul Hills — comecei a falar, me apoiando em um cotovelo para olhá-lo. Ele se virou na cadeira ao som do seu nome, também ficando apoiado em um cotovelo — me conte sobre você.

— O que você quer saber, Marcus Jenkins?

— Hm... — fingi estar pensativo e ele riu um pouco para mim, me fazendo sorrir também. — O que você faz da vida?

— Acabei de me formar em Ciência Política e vou entrar na faculdade de Direito — então ele realmente é um mauricinho rico! Sabia que minhas suspeitas estavam certas. Não deixei de notar que ele parecia um pouco incerto quando respondeu, mas decidi não comentar nada por enquanto. — E você?

— Eu faço um curso de artes plásticas na Universidade Schönilla, mas como estamos de férias, fico o verão inteiro em Millsh, na floricultura dos meus pais.

— Que coincidência, porque também vou passar grande parte do verão aqui!

— E por que escolheram Millsh para passar as férias? Eu adoro aqui, não me leve a mal, mas é tão comum para mim, que não vejo porque turistas decidem explorar a cidade — eu falo, o que é totalmente verdade. Adoro minha cidade pequena, digna de filme clichê, mas não entendo o que as pessoas de fora veem de tão interessante por aqui.

— Nós moramos em uma cidade perto daqui, e sempre gostamos de passar as férias em um lugar só, sabe? E, desta vez, escolhemos Millsh porque era perto e parecia bem calmo e agradável — ele fez uma pausa antes de continuar, me olhando de esguelha. — Eu sei que isso pode soar um pouco mesquinho, mas, estávamos cansados de passar as férias em grandes centros urbanos, que são muito movimentados e cheio de turistas.

— Tipo... Nova Iorque? — perguntei, curioso, porque era uma cidade grande que ficava relativamente perto e era um destino de várias pessoas por aqui.

— Hã... já fomos, mas, nos últimos anos, íamos sempre... para lá, você sabe — ele fez um movimento com a cabeça para o lado

direito, como se *eu* devesse entender o que aquilo significava!

— Acho que você precisa ser um pouco mais claro, porque não faço ideia do que você está falando.

— Ah... hm... Paris, Barcelona... — ele citou algumas cidades europeias, foi tão baixinho que quase não ouvi.

— Você é mesmo um riquinho então! — falei, rindo um pouco, e ele me lançou um olhar meio braço, mas consegui ver pelos seus olhos que era de brincadeira.

— Sabia que você ia me julgar, por isso fiquei meio receoso em contar.

— Não estou te julgando, Paul! Só acho engraçado... sabe? Você é o pacote completo do estereótipo — eu comento, e ele parece meio confuso. — Calças caquis, blusas polos, rico e vai fazer Direito.

— Um mauricinho, você quer dizer?

— Isso mesmo! — respondo, e nós dois rimos. — Eu adoro um maurinho, sabe, principalmente os loiros — solto, sem vergonha nenhuma, para ver como ele vai reagir.

Ele fica em silêncio, sem retribuir nem nada, e acho que pisei na bola. Ele não deve estar interessado em mim desta forma, e os flertes deveriam ser apenas amigáveis. Que ótimo, Marcus, você estragou tudo!

— Você pode me mostrar onde é a cozinha? Queria beber um pouco de água — ele finalmente fala depois de alguns instantes, mas muda o assunto. É, eu realmente interpretei os sinais errados.

— Claro, vem comigo! — disse, indicando a porta de vidro com a cabeça. — Só tem garrafas de água na parte de dentro, como te disse antes — eu expliquei, lembrando o que tinha dito enquanto jogávamos *beer-pong*.

Nós caminhamos, abrindo caminho no mar de pessoas, até chegar a porta de vidro que dava para dentro da casa da minha amiga. Assim que entramos, eu fechei a porta, para Lauren não reclamar comigo. Só tinha uma regra nas festas da minha melhor amiga: *ninguém entrava na casa*. Seus pais estavam viajando, como sempre, e ela precisava deixar a casa perfeita para quando eles voltassem.

Quando chegamos na cozinha, fui até a geladeira para pegar água para Paul, mas antes que conseguisse abri-la, senti sua mão no meu braço, me puxando para ele. Arfei, em surpresa, porque não esperava isso. Ele tinha me puxado e me virado de frente para ele. Agora, eu encarava seus lindos olhos castanhos-esverdeados.

— O-o que você está fazendo? — perguntei, e ele desceu suas mãos para minha cintura, colando ainda mais nossos corpos.

— O que eu devia ter feito desde que cheguei aqui — ele respondeu, sem hesitar desta vez.

Antes que eu tivesse a chance de responder, seus lábios se chocaram contra os meus.

Foi apenas um toque de bocas, mas quando finalmente voltei pra mim, entrelacei meus braços ao redor de seu pescoço e pedi passagem com minha língua, que foi concedida por ele. Satisfeito, eu virei um pouco a cabeça, a fim de aprofundar o beijo. Paul entendeu meu recado, porque seu toque em minha cintura se intensificou e ele me empurrou até que eu batesse com o quadril na pia.

Sem fazer muito esforço, o loiro me colocou sentado ali e se encaixou no meio das minhas pernas. Mal tínhamos nos beijado, e eu já estava duro por ele. Tive a constatação quando senti sua ereção me cutucando também, percebendo que não era o único excitado ali. Gemi contra sua boca e ele puxou meu lábio inferior contra os dentes.

Só *realmente* percebi o que estava acontecendo quando Paul desceu os lábios pelo meu maxilar e eu pude respirar.

Eu estava beijando Paul Hills. O loiro gato que conheci há pouco mais de uma semana.

E estava sendo maravilhoso.

Capítulo 2



Paul

Eu demorei quase seis meses para dizer "*eu te amo*" para meu ex-namorado, e nem sei se realmente o amava quando disse. Ele era da minha turma de teoria política II e fomos designados a elaborar um trabalho juntos. O restante da história não é muito difícil de adivinhar: ficamos próximos, nos beijamos e, um tempo depois, ele me pediu em namoro. Eu aceitei, porque estava vidrado nesta ideia de ter alguém a todo momento, mas acho que foi só por isto. Em todos nossos oito meses juntos, nunca senti borboletas no estômago ou qualquer coisa que me remetesse amor. Tudo bem, eu era muito mais muito movido pelo racional do que emocional, mas acreditava que quando tivesse uma relação mais íntima — como um namoro — eu agiria pelo meu coração.

Resultado: nossa relação era uma merda. Nenhum de nós estava feliz, podia afirmar isso com veemência. Mas ninguém tinha força para acabar com tudo, então fomos levando com a barriga até não aguentarmos mais. O fim? Fui eu que dei, quando nos formamos juntos. Ele morava no Canadá, e voltaria para lá depois da formatura. Não tinha porquê continuarmos aquela bobeira.

Logo após o término, meus pais me lançaram a ideia de passar as férias na cidade pequena, Millsh, para ser mais exato. Claro que topei de ir na hora, seria uma ótima oportunidade para

esquecer os últimos meses com aquele namoro morno e aproveitar as maravilhas da cidade pequena.

O que eu não contava com tudo isso, era conhecer Marcus Jenkins, mais conhecido como minha perdição. Ele era bonito, simpático e inteligente — afinal, quem sabia tudo sobre flores assim? Aqueles cabelos castanhos escuros e olhos cor de chocolate, com a pele bronzeada... gostoso era pouco para descrevê-lo. E quando sua amiga loira me chamou para a festa de aniversário, parecia que todas as peças se encaixaram. Normalmente, eu era mais reservado e, em dias normais, com certeza não marcaria presença na casa de alguém que não conhecia. Entretanto, aquele cara sem papas na língua tinha me feito sair da minha zona de conforto em pouco tempo, muito mais que meu ex-namorado fez em meses.

Eu não estava mais aguentando não poder tocá-lo durante todo o tempo que estávamos naquela festa, então, quando estava no limite, inventei qualquer desculpa para ficar a sós com Marc e finalmente poder beijá-lo.

Foi a melhor escolha que eu fiz desde que cheguei aqui, e faria de novo. Quando nossos lábios tocaram, eu não queria mais largá-lo. E acho que não teria largado se Lauren e Joe, o namorado da aniversariante, tivessem aparecido e nos chamando para cantarmos parabéns para a menina. Nós fomos, e enquanto cantávamos, percebi que já estava quase perto do horário que combinei com meus pais que voltaria. Por isso, me despedi de todos — com um selinho rápido em Marc — e voltei andando para nossa casa alugada.

O resto do fim de semana foi bem agradável. Aproveitei o domingo com meus pais, e fomos um pouco na praia ali perto e à tarde, fizemos um piquenique em um parque. Se estivéssemos em alguma cidade grande, nós possivelmente passaríamos o dia indo em lojas, restaurantes caros e museus. Não vou mentir, eu gostava, mas depois de tantas viagens *deste tipo*, eu já estava saturado. Preferia muito mais viagens em que eu podia explorar a natureza, como fazer trilhas e ir em praias paradisíacas. Esperava um dia

poder fazer um mochilão por todos os lugares incríveis que sonho em conhecer.

Na segunda-feira, eu acordei um pouco mais tarde que o normal, já que passei uma parte da madrugada terminando um livro. Esse era mais um fato que faria Marc me chamar de mauricinho e dizer que eu encaixava certinho nos estereótipos, principalmente no de estudante de direito e sua afeição por livros. O único detalhe que me fazia diferente era ser gay.

Desci para tomar café da manhã — provavelmente sozinho, porque meus pais acordam cedo — e fui surpreendido por um buquê de rosas azuis no balcão e um bilhete dos meus pais na geladeira, dizendo que as flores tinham chegado para mim e que eles tinham saído para caminhar. Estranhei o buquê, mas uma vozinha interior já imaginava de quem era.

Por sorte, as flores vieram com um cartãozinho. Na frente, estava escrito o que aquelas flores significavam, e, na parte de trás, estava o recado dessa tal pessoa que me mandou.

Rosas azuis são raras, mas existem. Significam confiança, afeto e fidelidade.

Sorri, achando fofo o significado. Eu não fazia ideia do fato, mas gostei da definição. Ainda sorrindo, virei o cartão.

Achei suas flores favoritas na cor preferida.

Se aceitar sair em um encontro comigo, espero ser seu beijo favorito também.

Com amor,

M.

Seu eu estava sorrindo antes de ler o recado, nem sabia definir meu estado agora. Nunca fui uma pessoa romântica, muito menos o meu ex. Não estava acostumado com essas demonstrações de carinho, mas não pude deixar de notar que meu coração errou uma batida. Eu precisava passar na floricultura para

agradecê-lo, e, claro, chamá-lo para um encontro de verdade. E, sinceramente? Depois da sessão de amassos que protagonizamos no sábado, ele poderia facilmente se tornar meu melhor beijo. Eu tinha um pouco de vergonha de admitir isso para Marc, mas, *nossa*, ele tinha uma habilidade incrível com a língua!

Desembrulhei o buquê do papel pardo e enchi um vaso que estava perto da janela com água, para colocar as flores ali. Como a cozinha era toda branca, as flores azuis combinavam perfeitamente com o ambiente.

Preparei um pouco de café para mim e meus pais — eles sempre tomavam mais de uma xícara pela manhã — e fiz um pouco de ovos com bacon também. Quando tudo ficou pronto e me sentei para comer, no balcão da cozinha, ouvi a porta da frente se abrir e fechar, e logo meus pais apareceram no meu campo de minha visão.

— Bom dia, anjinho — mamãe me cumprimentou, deixando um beijo nos meus cabelos. Ela me chamava assim desde quando eu era pequeno, dizendo que, quando era mais novo, eu me parecia com um anjo, por causa dos meus cachinhos dourados. — Dormiu muito, hein?

— Nós até te esperamos um pouco, filho, mas quando vimos que você não acordaria por nada, fomos sozinhos — meu pai explicou, pegando um pouco de café da cafeteira. — Viu que ele preparou café para a gente, Helen?

— Meu anjinho é o maior presente da mamãe! — E ela me encheu de beijinhos na bochecha antes de ir se servir de café também.

Não importa a idade, acho que vou ser sempre o *anjinho* da minha mãe. Ela nunca abandonou o apelido nem as inúmeras demonstrações de afeto. Eu me lembro exatamente do meu primeiro dia na faculdade. Minha mãe não só me levou — mesmo que ficasse a horas da nossa cidade natal, ela alugou um hotel para ficar por perto durante a semana —, mas ela também foi comigo até a sala

que aconteceria minha primeira aula. Não teria sido tão estranho, afinal, ela poderia ser mais uma aluna, mas é claro que ela também teve que me encher de beijos e me chamar de anjinho quando saiu. A primeira coisa que me perguntaram foi: se Helen era minha namorada — *argh*, eca, minha mãe cara! — e tive que contar a verdade, o que me fez ser zoadado por todo o semestre.

— E quem te deu essas lindas flores, campeão? — meu pai perguntou, sentando-se ao meu lado do balcão.

— Elas são mesmo lindas — mamãe concordou, se apoiando na bancada, do outro lado e de frente para a gente, bem ao lado das flores.

— Hã... eu conheci uma pessoa aqui — comentei, tentando ser vago. Eu e Marcus ainda não tínhamos nada, então não sabia como falar deles para meus pais.

— Já? Você foi rápido, anjinho — mamãe comentou, fazendo eu e meu pai rirmos. — E quem é o felizardo?

— Hm... ele trabalha na floricultura, naquela que eu comprei suas flores.

— Isso é ótimo, filho — papai fala, sorrindo para mim e afagando meu cabelo. Eu fiquei extremamente feliz por ter o apoio do meu pai, depois de algumas desavenças no passado.

Quando contei aos meus pais que gostava apenas de meninos, quando eu tinha uns 15 anos, foi um pouco complicado. Nós três sempre tivemos uma relação muito próxima e eu nunca escondi nada deles, então, quando percebi que não sentia atração por garotas, a primeira coisa que quis fazer foi contar a eles. Eu sabia que tinha chances de eles não me apoiarem, e talvez, até me expulsarem de casa, como tinha ouvido vários relatos por aí. Mas uma parte de mim acreditava que eles ficariam felizes e estariam ao meu lado.

Não foi exatamente assim.

Mamãe chorou assim que as palavras saíram da minha boca. Ela não disse nada, apenas chorou. Meu pai, por outro lado, me olhou bem no fundo dos meus olhos e disse que tinha vergonha de mim, saindo da sala, onde estávamos e subindo para o quarto. E foi quando eu comecei a chorar junto com minha mãe. Quando dona Helen percebeu, ela me puxou para perto de si, me abraçando muito forte. Ela explicou que estava naquele estado porque tinha medo por mim. Tinha medo do que podia acontecer comigo nas ruas. Mas ela também disse que me amava para sempre e nada mudaria isso, muito menos minha orientação sexual.

Já o seu Will, foi um pouco mais difícil. Ele ficou quase duas semanas sem nem olhar na minha cara. Se foi uma situação extremamente complicada e desgastante para mim, para mamãe foi ainda mais. Ela estava muito, muito possessa com o marido, por ele estar me tratando daquela forma. Até que, em um jantar, ela explodiu. Começou a gritar com meu pai, dizendo que nada tinha mudado, eu ainda era o mesmo Paul Hills de sempre. Ela disse também que se ele não aceitasse quem eu era, poderia arrumar as malas e ir embora; ela não toleraria alguém dentro de casa que tratasse o próprio filho assim.

A partir daí, as coisas começaram a mudar. Foi o baque que ele precisava para entender que estava fazendo tudo de errado e não estava sendo justo comigo. Em um primeiro momento, ele voltou a falar comigo, normalmente, como se nada tivesse acontecido. Não era isso que eu queria, mas, pelo menos, era algo. Alguns dias depois, no entanto, ele me chamou para conversar, e colocou todas as cartas na mesa. Papai explicou que tudo aquilo era novo para ele, e foi retratado para ele, durante muitos anos, que pessoas homossexuais não eram nem para serem consideradas pessoas, então, quando contei que era gay, ele não soube como reagir e sua reação foi aquela esperada por alguém doutrinado para ter aquele tipo de pensamento. Depois de muita, muita conversa, nós nos entendemos. Ele disse que me amava, independente de qualquer coisa, e estaria ao meu lado para o que eu precisasse. Ele prometeu desconstruir essa ideia, e cumpriu com a promessa.

— Mas, anjinho, ele sabe que você só está passando o verão por aqui, certo? Que em breve você vai para a faculdade de Direito? — minha mãe perguntou, um pouco preocupada.

— Não queremos que você sofra com um amor de verão, querido — meu pai complementou, e eu aceno com a cabeça, concordando.

— Ele sabe — eu confirmei e eles assentiram.

— Aproveite este verão, filho, porque as próximas... você vai praticamente passá-las inteiras estagiando e estudando — meu pai falou, e mamãe concordou.

— Eu me lembro que eu e seu pai mal tínhamos tempo para ficarmos juntos nessa época. Foi terrível! Mas, pelo menos, valeu a pena — dona Helen disse, sorrindo para mim e o marido. — Nós construímos um lindo escritório e uma linda família.

Assim como meus pais, eu faria Direito. Não me entenda mal, eu realmente gosto da área e não me vejo trabalhando com outra coisa, mas... não sei. Queria algo diferente, por enquanto. Eu só tenho 21 anos! Ainda tenho tanta coisa para viver e lugares para conhecer. E, sei que assim que terminar o curso, vou começar a trabalhar no escritório da família e não ter mais um segundo de paz. Até eu conseguir um cargo bom, com dinheiro suficiente para morar sozinho, ter meu próprio carro e viajar, já vai ter passado quase 10 anos. E eu quero viver o agora!

— Você vai se dar muito bem, filho, não se preocupe — meu pai assegurou, provavelmente achando que meu rosto preocupado tinha a ver com isso.

— Nós temos algo planejado para hoje? — perguntei, mudando de assunto.

— Eu e seu pai vamos fazer dança de salão mais tarde — mamãe respondeu, animada, com um sorriso de orelha a orelha. — Só isso, eu acho. Por que, anjinho? Quer fazer alguma coisa?

— Não, não, podem curtir o programa de vocês — garanti, me levantando para lavar a caneca de café e o prato que usei. — Vou até a floricultura, agradecer ao Marc pelas flores.

— Só agradecer, uh? — Will brincou, levantando as duas sobancelhas, com uma feição engraçada.

— Céus, Will! — minha mãe o repreendeu. — Não quero saber o que nosso anjinho faz com os garotos por aí!

— Amor, você sabe que ele tem 21 anos, né? E nós nos conhecemos nessa idade — meu pai divagou, recebendo um olhar feio da esposa.

— É melhor nem concluir esse pensamento — ela alertou, apontando o dedo para ele, fazendo-nos cair na risada.

Terminei de lavar a minha louca, enquanto conversava com meus pais — passando bem longe de qualquer assunto sobre faculdade — e subi para meu quarto, para tomar um banho e ir até a floricultura. Esperava que Marc estivesse lá, porque não fazia ideia de como funcionava sua escala de trabalho.

Acabei de me arrumar, colocando até um pouco de perfume, e saí em direção a Jenkins Flores.

Millsh não era grande, então, até mesmo a casa em que estávamos, que ficava mais perto do lago, ainda era um pouco perto do centro. Fui andando e absorvendo a brisa de verão, aproveitando o clima da cidade pequena. Não demorou muito, e logo estava adentrando a loja, fazendo o sininho em cima da porta soar.

Desta vez, Marcus não estava sozinho. Um casal, com o uniforme da floricultura, estava junto dele, perto da caixa registradora, checando alguma ficha e conversando. Os três estavam tão focados, que nem notaram a minha presença, até eu estar bem próximo do balcão.

— Paul! — Marcus me cumprimentou, parecendo surpreso e animado.

— Oi, Marc — respondi, sorrindo.

— Esses são os meus pais — ele disse, chamando a atenção do casal, que se virou para mim. — Amelia e Edward Jenkins.

— Olá, querido. Precisa de uma ajuda para escolher algo especial? — a sra. Jenkins me perguntou, muito simpática.

— Na verdade, eu vim ver o Marc — falei, um pouco sem jeito. Será que os pais dele sabiam sobre a gente? Não, claro que não. Só tínhamos ficado uma vez, pelo amor de Deus!

— Eu estou trabalhando agora, mas...

— Pode ir, filho. A gente dá conta — o sr. Jenkins o interrompeu.

— Certeza, pai?

— Claro, querido. Eu e seu pai conseguimos lidar com a floricultura sozinhos, não seja bobo — foi a mãe dele que falou, incentivando-o a sair comigo.

— Tudo bem! Só vou ao banheiro e te encontro lá fora, tá? — ele me perguntou e eu assenti.

— Foi um prazer conhecer vocês — falei para o casal e me despedi deles, indo esperar Marcus lá fora.

Do lado de fora, me sentei em um banquinho que tinha ali e esperei pelo rapaz. Eu vim chamá-lo para um encontro, mas pensando melhor... para onde deveria levá-lo? Não conhecia nada da cidade e não tinha um carro. Porra! Eu deveria ter pensado um pouco melhor nisso antes de sair eufórico de casa.

— E aí? — Marc me tirou dos pensamentos, sentando-se ao meu lado. Ele tirou o avental, ficando apenas com uma bermuda e uma camisa branca simples. *Muito gato*. — Recebeu as flores?

— Sim, recebi. Elas são lindas. Muito obrigado, eu amei — respondi, sorrindo. Foi um dos gestos mais carinhosos que já fizeram por mim.

— E aí, veio me agradecer pessoalmente?

— Na verdade, vim te chamar para um encontro de verdade — confessei, e recebi um olhar de aprovação e incentivo de Marcus. — Mas, enquanto te esperava, percebi que não conheço nada daqui, então... não faço ideia de onde poderia te levar.

— Eu estou muito lisonjeado, Paul — ele disse, e pareceu que seus olhos castanhos estavam brilhando. — Tudo bem, vou te levar a um dos meus lugares preferidos. Mas, primeiro, precisamos passar no mercado e comprar um pouco de comida para levar.

— Vai me dizer onde é? — perguntei, me levantando logo depois dele e seguindo-o pela rua.

— É surpresa.

— Vai me deixar curioso, *mesmo*?

— Vai valer a pena — Marc simplesmente respondeu, e resvalou seus dedos nos meus, me olhando de soslaio. Sabia que era o máximo que podíamos demonstrar em público, então sorri diante do gesto e esbarrei nos dedos dele também.

Nós fomos ao mercado que ficava próximo dali, e compramos algumas coisas, como se fôssemos fazer um piquenique. Compramos um bolo de chocolate, duas garrafas de suco de laranja, pães de forma, manteiga de amendoim e geleia de morango. Complementamos nossas compras com alguns talheres e copos descartáveis.

Depois que pagamos — Marcus insistiu em bancar tudo, mesmo eu afirmando que podíamos dividir — nós seguimos um caminho. Era um pouco mais afastado da cidade, tínhamos até entrado em uma trilha.

— Você não está planejando me matar nessa floresta, está?
— eu brinquei, e ele virou o rosto para mim, sorrindo.

— Tem muitas coisas que eu gostaria de fazer com você nesta floresta, Paul, e te matar não é uma delas — Marcus respondeu, com um pouco de malícia, e entrelaçou a mão na minha.

Eu não sabia o que responder, então seguimos o caminho em silêncio, de mãos dadas. Andamos quase vinte minutos até chegarmos em um local absurdamente lindo. Tinha duas mesas de piquenique de madeira, e, ao fundo, uma cachoeira de água cristalina. Nossa. Era realmente incrível.

— Uau — eu falei, ainda perdido na beleza do lugar.

— Sabia que você ia gostar — Marc respondeu, indo até uma das mesas.

— Como não tem ninguém aqui? — perguntei, seguindo-o e ficando ao seu lado no banco.

— A maioria prefere o lago, já que tem banheiros, lanchonetes e até pedalinhos. Quase ninguém aparece por aqui — explicou Marcus, tirando as comidas das sacolas.

— É quase um lugar secreto, então?

— *Quase*, como você disse. Lauren e Joe devem vir aqui para transar de vez em quando — Marcus disse, e nós dois rimos. — Vou fazer um sanduíche para a gente.

— Eu que deveria fazer! — reclamei, chamando sua atenção, que estava no preparo do lanche. — Tecnicamente, eu que te chamei para o encontro.

— Mas você não preparou nada para o encontro — ele pontuou, e eu revirei os olhos. — Tudo bem, gatinho. Só de estar aqui, com você, em um dos meus lugares preferidos, já torna o momento especial.

— Da próxima, eu que vou preparar algo especial — comentei, e ele sorriu.

— Próxima vez, *uh?* — Marcus alfinetou, me lançando uma piscadinha

Eu não respondi, mas sorri de volta, um sorriso que definia a minha felicidade em pensar em um próximo encontro. Este nem tinha terminado, e nós já estávamos pensando em outro. Por um momento, eu me peguei pensando se *isso* podia ir para frente... se podia se tornar algo além de um romance de verão. Seria complicado ter um relacionamento à distância, tinha certeza, mas se realmente quisermos...

Meu Deus, o que eu estava me tornando?

Eu demorei meses para admitir sentir algo pelo meu ex, e nem era verdade. E, agora, em poucos dias desde que conheci este garoto, já estava pensando em um futuro com ele! Isso nunca tinha acontecido antes, em nenhum dos meus relacionamentos anteriores.

Espantei os pensamentos e, quando percebi, Marcus já tinha terminado os sanduíches e serviu o suco, me entregando-os. Nós comemos e conversamos, sobre tudo. Desde o curso de artes plásticas dele a motivação que o levou a fazê-lo — ele sempre gostou de artes, mas seu objetivo era continuar com o negócio da família —, como foi minha experiência de morar em dormitórios e depois apartamentos, sozinho — já que ele nunca passou por isso — e também sobre tudo que tinha para se fazer em Millsh.

— Você nunca foi em um *drive-in*? — Marcus me perguntou, indignado.

— Nunca.

— Vou precisar te levar, então. Vou pegar o carro dos meus e marcamos um dia, o que acha? No verão, sempre tem um em um campo abandonado aqui perto.

— Com certeza eu topo. Que filme vamos ver?

— Acho que só tem dois passando por enquanto, um infantil e um mais adulto — ele explicou. — Sempre são aqueles mais clichês, mas o que vale é a experiência.

— Podemos ir no... fim de semana? Se você já não tiver nenhum compromisso — complementei, para não parecer desesperado. A verdade era que queria levá-lo em algum encontro durante a semana, já que não podíamos ir ao drive in por minha conta porque... bem, não tinha um carro.

— Para mim, está perfeito. Você vai adorar lá — Marcus concordou e voltamos a comer.

Depois dos sanduíches, foi o momento do bolo de chocolate. E estava uma delícia! Um dos melhores bolos que já tinha provado, bem fofinho e nada seco por dentro. Enquanto saboreávamos o doce, Marcus me falou sobre como foi contar aos pais que era bissexual, e que eles o apoiaram incondicionalmente. Também compartilhei minha experiência, e vi a tristeza nos olhos do moreno quando falei da situação inicial com o patriarca da família Hills, e ele pareceu aliviado quando soube que tudo estava bem agora e que meus pais eram meu porto seguro.

Mantivemos alguns assuntos triviais em pauta, como nossos filmes preferidos — o dele era *Sociedade dos Poetas Mortos* —, artistas que gostamos e ele falou bastante sobre algumas obras de artes e movimentos artísticos. Nunca fui muito uma pessoa dessa área, então fiquei deslumbrado por tudo que ele me falou. E como começamos nesse assunto, de novo, de cursos que fazíamos, eu soube que a qualquer momento seria minha vez de falar.

— Então... direito, *uh?* É o seu sonho? — Marc perguntou, parecendo interessado. Eu gostei de como ele fez a pergunta, se era meu sonho, porque quase ninguém queria saber isso quando eu falava da minha escolha de carreira.

— Meus pais são advogados, então sempre acompanhei de perto essa área — comecei a explicar, e até sorri, lembrando-me de quando era mais novo. — Minha mãe engravidou um pouco depois que saiu da faculdade. Meus pais não tinham tanto direito na época, já que tinham acabado de ser contratados por escritores diferentes. Por isso, depois que acabou a licença maternidade de mamãe, às vezes ela precisava me levar para o trabalho, ou meu pai.

— Então você realmente estava nesse meio desde que nasceu!
— Marc brincou e eu ri, concordando.

— E isso continuou até os meus 13 anos, mais ou menos, que foi quando eu já podia passar algumas horas sozinho, depois da escola; e eles começaram a planejar o próprio escritório de advocacia. Resumindo, eles eram meu exemplo. *São*, meu exemplo — me corriji, porque meus pais continuavam sendo as pessoas que mais admirava no mundo. — Claro, eu tive uma fase na adolescência que odiava tudo e todos, e cismeiei que iria entrar em qualquer curso sem ser Direito, a fim de irritar meus pais — eu contei e nós dois rimos da constatação. — Mas eu caí na real no primeiro ano da graduação, e sabia que meu caminho era o Direito. Não porque meus pais eram advogados, eu soube que era para mim quando eu via alguma injustiça acontecendo, na rua, escola ou faculdade, e eu era, às vezes, o único a me impor.

"Certa vez, eu estava no meu último ano no colégio, e vi uns garotos mais velhos ameaçando um menino bem mais novo, chamando-o de *bichinha* e coisas piores, no meio do refeitório. Ninguém fez nada, acredita? Todos só estavam olhando. Eu não podia ficar ali parado e deixar aquilo acontecer, então eu fui apartar a situação. Não saiu como eu esperava, porque eu era um magricela e levei alguns socos, mas pelo menos fiz alguma coisa, sabe? Esse foi um dos momentos que me fez ponderar sobre o que fazer da vida, e

eu sabia que era Direito, desde cedo, mesmo negando durante um tempo quando estava irritado com o mundo."

— Paul, isso é... maravilhoso. Você é uma pessoa maravilhosa — Marcus disse, depois de eu terminar de contar, acariciando minha mão que estava apoiada na mesa de madeira. — Eu acho que nunca vi alguém falar com tanta paixão por algo que goste assim, tirando os meus pais. Eu tenho certeza que você vai ser um ótimo advogado!

— Hm... obrigado, Marc — respondi, e ele percebeu minha hesitação.

— Tudo bem? Quer conversar sobre alguma coisa que está te incomodando?

— Tá tão na cara assim? — perguntei, retoricamente e rindo fraco, mas o garoto concordou. — É só que... eu quero fazer Direito, quero mesmo, mas... não sei. Eu sou muito jovem, sabe? Tenho muita coisa para ver ainda, e sei que não vou conseguir fazer tudo que desejo durante ou depois da faculdade, porque acompanhei de perto a bagunça dos meus pais. Eles só conseguiram se estabilizar quase 10 anos depois de formados, e eu... queria fazer tanta coisa ainda, entende?

— Já pensou em tirar um ano sabático? — Marcus sugeriu, e eu assenti. Essa era minha principal ideia após a graduação, mas não sei se meus pais me apoiariam nisso.

— Nós podemos falar de outro assunto? Não quero pensar nisso por agora... só quero curtir com você — eu disse, e me aproximei mais dele no banco.

— E como seria essa sua ideia de curtir comigo? — Marc perguntou, um pouco provocativo.

— Começaria assim — eu falei, aproximando meu rosto do seu pescoço e apoiando uma mão na sua coxa, deixando alguns beijos e mordidas perto de sua jugular. Ele suspirou e se arrepiou um

pouco, então soube que estava gostando. — Também poderia incluir isso — eu continuei a falar, subindo minha mão na sua coxa, para dentro dela e quase alcançando seu pau. — E claro, não poderia faltar a diversão principal — eu finalizei, subindo minha outra mão para sua nuca e o puxando para mim, colando nossos lábios.

O beijo começou calmo, como se nossas línguas tivessem dançando juntas, em um movimento muito gostoso e sereno. O que não durou, porque logo Marcus me puxou pela cintura, pra mais perto dele, e levou suas mãos para dentro da minha blusa, subindo pelo meu abdômen. Agora, o beijo estava mais faminto. Com a mão apoiada em sua coxa, eu fui subindo, devagar, até chegar no cós de sua bermuda. Descolei nossos lábios e encarei aqueles lindos olhos castanhos, pedindo permissão. Ele acenou com a cabeça, e voltou a me beijar, um pouco feroz.

Minha mão adentrou a parte de baixo dele, além da cueca, e segurei o seu pau, que já estava bem duro, assim como o meu. Fiz movimentos de vai e vem, e Marc gemeu na minha boca, gostando do que estava fazendo. Continuei masturbando-o, e ele desceu os beijos pelo meu maxilar, pescoço e chegou até minha orelha, levando uma das mãos até a minha, que estava na sua ereção.

— Eu quero muito, muito mesmo conhecer cada parte do seu corpo, gatinho — ele sussurrou no meu ouvido, com uma voz muito sexy. — Mas quero fazer isso em um lugar privado, que não tenha chances de ninguém aparecer, e eu possa demorar o tempo que quiser, e fazer tudo que desejo. Tudo bem?

— Como você quiser, Marc — eu respondi, e ele se afastou para me olhar nos olhos. Nós sorrimos, e ele me deu um selinho. — Estou louco para te ver gozando na minha mão, e quem sabe, se eu tiver sorte, na minha boca também — murmurei no seu ouvido, e me levantei antes que ele tivesse chance de responder algo.

— Onde você está indo? — Marcus me perguntou, parecendo um pouco atordoado depois da cena que fizemos no banco.

— Vou entrar na cachoeira, ver se essa água gelada ajuda nisso aqui — respondi, apontando para meu pau duro dentro da bermuda.

Ele riu, mas veio até mim. Nós tiramos as camisas e entramos só de bermudas na água super gelada. Ali dentro, trocamos alguns beijos e aproveitamos a companhia um do outro. Nós também assistimos o lindo pôr do sol juntos, e, quando estava anoitecendo, voltamos para nossas respectivas casas. Quando chegamos perto da floricultura, que era onde Marc ficaria, alegando que esperaria os pais para voltar para casa, trocamos números do telefone fixo, para podermos nos ligar se precisássemos.

Esse foi um dos melhores dias que tive em muito tempo, e queria muito repeti-lo.



Meus pais planejaram passeios durante metade da semana. Sem ser a segunda-feira, que me encontrei com Marcus, não o vi e nem falei com ele mais. Até tínhamos tentando ligar um para o outro, mas sempre nos desencontramos, levando a vários recados de voz nas secretárias eletrônicas.

Eu queria ter passado um tempo com Marc, mas não podia negar que passei ótimos dias na companhia dos meus pais. Fomos em um parque de diversões que estava rolando ali por perto, comemos em vários restaurantes bacanas — o coreano foi um dos melhores — e fomos ao lago andar de peladinhos. Era muito diferente dos programas que costumávamos fazer nas nossas viagens pela Europa, mas foram momentos deliciosos ao lado deles.

Na quinta-feira, quando chegamos em casa, após ver um lindo pôr do sol no lago, decidi ligar para Marcus, de novo. Para minha surpresa, ele atendeu no segundo toque.

— Oi, gatinho — Marc me cumprimentou, do outro lado da linha.

— Oi, Marc. Finalmente conseguimos, hein? — comentei, sorrindo, e recebi olhares dos meus pais. Eles já suspeitavam de algo, mas, mesmo assim, levei o telefone sem fio para meu quarto.

— Achei que nunca mais iria conseguir falar com você! — ele disse, e deu para perceber que estava sorrindo. — Como você passou os dias?

— Tudo ótimo. Eu e meus pais aproveitamos bem, fazendo vários programas interessantes por Millsh.

— Gostaram da cidade pequena então, *uh?* Nada comparado a Londres? — Marc alfinetou e eu revirei os olhos, mesmo que ele não pudesse me ver.

— Todas as cidades tem seus pontos fortes e fracos — eu simplesmente respondi, e ouvi a sua risada.

— E quais são os pontos fortes de Millsh? — perguntou, parecendo até um pouco curioso para saber.

— Aquela cachoeira, com certeza. Algumas trilhas, os sorvetes...ah! Eu fui em uma barriquinha, na feirinha que teve ontem, em uma praça por aqui, e provei um doce brasileiro que era uma delícia! Brigadeiro, o nome. Conhece?

— Claro que conheço! Apareci por lá hoje de manhã, e não pude deixar de comer mais uma vez. Todos elogiam a comida da barriquinha brasileira, e imploram para a dona abrir uma loja — Marcus me explicou, e eu concordei. Era uma ótima ideia. — Só esses os pontos fortes? Não se lembra mais de nada? — insistiu,

voltando no assunto e talvez eu soubesse o que ele estava esperando que eu dissesse.

— Lauren é muito simpática, o namorado também. Eles com certeza podem ser considerados patrimônios da cidade.

— Você é um cretino, sabia? — ele reclamou do outro lado da linha, era até possível sentir a sua indignação.

— Você sabe que é um ponto forte, lindo, o melhor de todos.

— Agora, sim! Era isso que queria ouvir — ele comemorou e eu ri. — Hm... desculpe se, você sabe... eu estou parecendo um pouco interessado demais. É que eu realmente gostei de você, Paul. — Uau. Por essa confissão eu não esperava, mas meu sorriso logo apareceu, gostei do que ouvi.

— Eu também gostei muito de você, Marc. É tudo recíproco — respondi, sorrindo de orelha a orelha.

— Ufa! Eu sempre fui um pouco... coração grande, então costumo gostar muito mais da pessoa que estou envolvido do que ela de mim, sabe? E, agora, eu gosto de deixar claro minhas intenções, para não acontecer situações iguais às do passado. Acredito que a única pessoa que isso não tenha rolado foi a Lauren, e olha que estamos nessa há anos, viu? — ele contou e riu, mas senti uma pontada estranha no peito.

— Hm... você e a Lauren?

— Ah, nada demais. Nós costumávamos ficar antes dela namorar com o Joe, uma amizade colorida. Tudo começou quando tínhamos uns 16 anos e queríamos transar, e aí você já sabe... resolvemos testar, juntos e depois continuamos nessa — ele explicou, e eu gostei menos ainda da história. — De tempos em tempos, nós parávamos quando eu estava envolvido com alguém, ou ela, mas se tornou algo cômodo para nós. Mas desde Joe, isso não acontece mais, é óbvio.

— Entendi — respondi, um pouco seco.

Eu estava com ciúmes de Marcus? Pelo amor de Deus! Eu *nunca* tive ciúmes antes, com nenhum dos meus ex-namorados ou casinhos. E agora estava com essa pontada no coração pelo cara que conhecia há poucas semanas? E eu teria que ir embora no fim do verão? Não era possível.

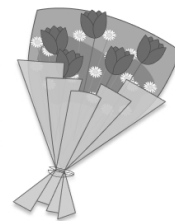
— Isso foi ciúmes, Paul Hills? — Marc provocou depois que fiquei um momento em silêncio.

— Quê? N-não, claro que não — respondi, um pouco nervoso, depois que fui pego no flagra.

— Vou fingir que acredito — ele disse e riu, me fazendo ficar irritado. — Não precisa disso, tá bom? Em poucas semanas que nos conhecemos, o que sinto por você não é nada comparado ao que já senti por alguém, muito menos por Lauren.

Com a revelação de Marcus, um sorriso se formou no meu rosto novamente. Também nunca tinha sentido nada igual do que sinto por ele, com ninguém. Era bom saber que estávamos no mesmo barco, e que, se afundássemos, nos afogaríamos juntos.

Capítulo 3



Marcus

Já que eu e Paul tínhamos trocado números de telefone, nós nos falávamos quase todos os dias, quando não conseguíamos nos encontrar. Com meus turnos na floricultura, e ele tendo vários programas de férias com os pais, ficava bem difícil, mas dávamos um jeito. Às vezes, ele passava rapidinho na Jenkins Flores, apenas para me dar um beijo e dizer que estava com saudades. Outras vezes, eu aparecia bem cedo em sua casa, com alguma flor que demonstrasse o que eu sentia por ele, roubava-lhe um beijo e ia embora.

Quando contei tudo que estava rolando para Lauren, ela pirou, do melhor jeito possível. Disse que estava muito feliz por mim e pelo pouco que conhecia o loiro, ele parecia ser uma pessoa maravilhosa e eu tinha sorte. Igualmente como estava acontecendo com Paul, minha melhor amiga estava cada vez mais distante. Mal nos víamos pessoalmente, e quando nos esbarramos, era rápido e ela dizia que estava atrasada para alguma coisa. Lauren estava estranha, mas quando eu tentava falar sobre o que estava a incomodando, ela mudava de assunto.

De todo o jeito, Paul tinha me chamando para um encontro. Como nosso drive-in já estava marcado para o fim de semana, ele cismou que tínhamos que fazer algo antes, como se estivéssemos revezando quem levava o outro para sair. Quando eu entendi que ele quis dizer isso, não pude evitar a não ser gargalhar no telefone, chamando atenção dos meus pais.

Ele não tinha me dito o que iríamos fazer, mas avisou para eu colocar roupas leves e um calção de banho, e para esperá-lo na floricultura no horário indicado. Esse horário? 4 da manhã! Eu acordava depois das onze nos dias de folga, cara! Olha o que esse garoto estava fazendo comigo?

Mas como já sou quase o cachorrinho dele, às 04:04 eu estava do lado de fora da Jenkins Flores, com um casaco, porque pela manhã ainda estava bem frio em Millsh. Não demorou muito, e Paul apareceu. De bicicleta. Eu nem sabia que ele tinha alugado uma!

— Bom dia, lindo — ele me cumprimentou quando parou a bicicleta, depositando um selinho nos meus lábios.

— Bom dia, gatinho. Você já vai me contar porque me fez acordar antes das galinhas? — eu perguntei, levantando uma das sobrancelhas. O infeliz apenas riu e me puxou pela cintura para perto.

— É uma surpresa, Marcus Jenkins. Agora, suba no banquinho para irmos até o local misterioso — ele praticamente ordenou, apontando para o banco da bicicleta.

Eu revirei os olhos, para causar um drama, e subi no banquinho, passando os braços pelo corpo de Paul. Eu sabia me equilibrar ali, mas gostava de ter várias desculpas para ficar próximo ao loiro.

Como eu morava em Millsh desde que nasci, eu conhecia todos os caminhos para qualquer lugar. Então, logo percebi que Paul estava nos levando para o lago. Eu já tinha ido lá tantas vezes que perdi as contas, mas, desta vez, parecia diferente. Tanto por eu estar muito bem acompanhado, tanto por ser bem cedo e não ter ninguém pelas ruas, e eu acreditava que não teria ninguém no nosso destino final também.

Assim como eu suspeitava, não tinha uma alma viva neste horário, no lago. Era apenas eu, Paul e sua cesta — que eu não havia reparado antes — indo nos sentar perto da água.

— Não foi uma surpresa muito boa, não é? — Paul perguntou, um pouco decepcionado.

— Claro que foi! Eu já vim aqui várias vezes, isso é verdade, mas por exemplo... nunca tinha vindo neste horário, e nem com você.

— Queria ver o nascer do sol com você, por isso marquei neste horário — o loiro me explicou, tirando as comidas da cesta.

— Eu não sou de acordar cedo, mas já estou amando o nosso programa!

Paul riu da minha empolgação e nos serviu um suco de melancia. De aperitivos, ele trouxe pão de queijo — com certeza, era da barraquinha brasileira da feira — e pudins de chocolate.

— Eu queria uma sobremesa mais elaborada, mas hm... eu esqueci — ele contou e nós rimos. — Só lembrei ontem à noite, bem tarde, e apenas o posto de conveniência estava aberto, e os pudins eram os doces menos piores que tinham lá.

— Tudo bem, gatinho. Eu adoro pudim de chocolate — eu falei, e ele pareceu aliviado. — Você gosta mesmo de natureza, *uh?* Fomos a uma cachoeira, que você adorou e agora estamos aqui. Isso, sem falar das trilhas que você me contou que fez com seus pais e sozinhos.

— Ah, eu realmente adoro. Meu sonho é fazer umas viagens mais voltadas para conhecer as culturas e paisagens paradisíacas, sabe? Eu gostei muito de todas as cidades europeias que conhecemos, mas queria mesmo é viajar para alguns países asiáticos e africanos — Paul me contou, tomando um pouco do seu suco. — Eu, inclusive, tenho uma poupança justamente para isto, mas não sei quando poderei usar. Quer dizer, preciso entrar e sair da faculdade de Direito, arrumar um bom emprego, me estabilizar e, aí, sim, farei as viagens que tanto desejo.

— Uau. Você realmente pensa a longo prazo! — comentei, rindo um pouco, mas admirava isso nele. — Não tenho um espírito aventureiro como o seu, mas sou louco para conhecer a Holanda, o país das tulipas! Você já foi? — perguntei, e ele negou. — É uma pena, lá parece realmente muito lindo.

— Você com certeza vai lá um dia, Marc — Paul disse, parecendo convicto disso e acariciando a minha bochecha com o polegar. — Falando em flores, eu acho incrível que você saiba tanto sobre esse assunto! É até sexy, para falar a verdade.

— Está com tesão no meu conhecimento sobre flores? — provoquei, arrancando uma risada do loiro.

— Acho que sou mais atraído por inteligência do que por aparência — ele confessou, ainda rindo.

— Isso quer dizer que sou feio, Paul Hills?

— Pensa pelo lado positivo, você é inteligente — ele pontuou, e eu belisquei a sua coxa. — Óbvio que você é bonito, Marc. Mas gosto de admirar seu conhecimento sobre flores e sobre arte também.

— Agora, além de maurinho, ainda é um *nerd* de primeira! Realmente, você se encaixa em todos os estereótipos. Desde riquinho-maurinho até garoto inteligente e estudante de Direito.

— Você gosta disso em mim, Marc — ele disse, com um sorriso malicioso e se aproximando de mim, no banco.

— Demais, se formos falar a verdade — eu respondi, com um pouco de malícia também.

Paul não respondeu com palavras, mas, sim, com ações. Ele me puxou para mais perto, pela cintura, de uma maneira que fiquei quase em seu colo. Suas mãos se infiltraram no meu cabelo, e seu rosto estava a centímetros do meu. Ele não me beijou, apenas roçou seus lábios nos meus. Me provocando. Quando pensei que sua

língua finalmente entraria em contato com a minha, ele desviou, deixando beijos no meu maxilar, até chegar no meu pescoço, perto da orelha.

— Está com pressa, Marc? — o babaca sussurrou, me deixando arrepiado, e eu ri de nervoso.

— Traz logo essa boca gostosa para cá, Paul Hills — respondi, e eu mesmo fiz o trabalho.

Agarrei sua nuca e trouxe sua boca até a minha, desfrutando de seus lábios macios. O loiro teve a coragem de rir enquanto me beijava, achando graça da situação. Sim, eu estava mesmo com pressa, por acaso isso era um problema?

Depois de alguns minutos nos beijando, Paul se afastou, deixando a testa colada na minha e olhando bem nos meus olhos.

— O sol está nascendo — ele comentou, e se afastou para observar a vista do céu alaranjado. — É uma visão linda.

— É, é sim — eu respondi, mas não estava olhando para o sol nascendo no horizonte.



Era possível eu estar me apaixonado em um pouco mais de duas semanas? Porque, se fosse, eu com certeza estava por Paul Hills.

Eu acreditava em destino, que o universo fazia com que caminhos distintos se cruzassem com um objetivo maior. E achava que ele tinha feito com que eu e Paul nos encontrássemos. Qual era a chance dos pais dele simplesmente resolveram passar férias de verão em Millsh — que nem era uma cidade tão turística assim — e ele querer comprar um buquê de aniversário para mãe? Sendo a Jenkins Flores a única floricultura da cidade?

Destino.

Após nosso encontro no lago — que foi incrível — nós não nos vimos mais do que alguns minutos pessoalmente, apenas nos falávamos por telefone. E, hoje, finalmente, iria levar Paul no *drive-in*. A sessão era às 21 da noite, então iríamos jantar antes e depois eu passaria para buscá-lo em sua casa, com o carro dos meus pais.

Por isso, assim que desci para comer, já estava pronto para ir ao cinema. Ainda era cedo, passando das sete, mas já coloquei a roupa e trouxe meu perfume para baixo, para passar mais antes de sair. Meus pais não sabiam que sairia com Paul. Na verdade, eles não sabiam que eu e ele... éramos algo, até então.

— Marcus, querido, a comida já está na mesa — minha mãe gritou, assim que colocou os pés no primeiro andar.

Estava um pouco nervoso, mas tentei relaxar. Não era a primeira vez que contava de alguém para os meus pais, mas Paul era diferente de todas as outras pessoas. O que sentia por ele parecia mais forte, como se estivéssemos *mesmo* destinados a ficar juntos.

Na sala de jantar, mamãe preparou macarrão ao molho branco e camarões, um dos meus pratos preferidos. Me sentei no lugar de sempre, de frente para meus pais. Esperei para que eles comessem a comer e também pelas perguntas que rolavam durante o jantar.

— E como vão as coisas, querido? — minha mãe perguntou.

— Tudo bem, tudo indo — respondi, dando de ombros. Era corajoso e não tinha papas na língua, sim... menos quando se tratava dos meus pais. Cocei a garganta para chamar a atenção deles de novo, que voltaram os olhares para mim. — Hm... sabem o Paul? Aquele cara loiro que aparecia na floricultura de vez em quando?

— Claro, filho. Ele vai lá praticamente todos os dias da semana — meu pai falou, nos fazendo rir. É, é verdade, ele aparece muito por lá.

— Eu vou levá-lo hoje no *drive-in* — contei, olhando para meu prato e brincando com a comida.

— Um... encontro? — meu pai chutou, parecendo tomar cuidado com suas palavras.

— É, um encontro — respondi, um pouco baixo demais, mas sei que me ouviram.

— Você não está feliz com isso, querido? — Mamãe me perguntou, e eu finalmente encarei os olhos verdes.

— Estou muito, muito feliz, mãe. Paul é... incrível. Ele é carinhoso, inteligente, aventureiro, bonito, bem bonito — eu falei e eles riram do meu último elogio. — Eu acho que estou me... me apaixonando por ele. Nunca senti isso por ninguém antes.

— Isso é muito, muito bom, Marcus — minha mãe disse, sorrindo para mim. — Mas Paul não está de férias em Millsh? Não queremos que você saia chateado desta história, querido, mas se ele está aqui só para o verão...

— Nós vamos dar um jeito, se ele realmente quiser ficar comigo também — expliquei, sem titubear.

— E quem não iria querer isso tudo? — Meu pai brincou, apontando para mim, e nós três rimos. — Só seja cuidadoso, tá bom,

filho? Você sabe que eu e sua mãe te apoiamos muito, mas nem todas as pessoas pensam desta forma.

Eu concordei e nós voltamos a atenção para a comida, conversando uma vez ou outra sobre a floricultura e porquê Lauren estava tão sumida. Não via a minha melhor amiga há dias, e sempre que ligava, ela não estava em casa — era o que seus pais me diziam, pelo menos — ou ninguém atendia. Até tentei ir em sua casa, nesta semana, mas fui recebido por sua mãe, que falou que ela estava com Joe. Lauren foi e continuava sendo a minha melhor amiga, mas nunca escondi que ela era uma pessoa difícil. Não era a primeira, nem seria a última vez que ela sumia e se isolava de tudo e todos. A única diferença era que ela estava com o namorado, e, aparentemente, se afastando do mundo junto do cara.

Após terminarmos de jantar, eu ajudei minha mãe a lavar a louça. Meu pai normalmente também estava conosco nesses momentos, mas como tínhamos um casamento grande amanhã, ele foi resolver os últimos ajustes dos arranjos de flores. Enquanto estava secando os pratos, panelas e talheres, mamãe me perguntou, mais uma vez, se eu estava feliz com o que estava rolando entre mim e Paul. Ela se preocupava demais com minha felicidade, e não se importava com quem fosse, desde que a pessoa me fizesse o homem mais feliz do mundo. Eu continuei dizendo que sim, e ela relaxou um pouco, apenas me alertando que meu relacionamento com o loiro podia ser só mais um caso de verão.

Sim, eu sabia disso, mas não achei que seria só mais um romancezinho sazonal. Eu gostava mesmo dele, e achava que ele gostava de mim na mesma proporção. E se não fosse para ficarmos juntos, sei que o universo planejará um futuro lindo pra nós dois. Tudo no seu tempo, e se nosso tempo, por enquanto, fosse só durante o verão, eu irei aceitar.

Dentes escovados e perfume no corpo, peguei as chaves na cozinha, me despedi dos meus pais e saí para buscar o Paul, em casa, e irmos ao nosso encontro.

Como estávamos de férias, mesmo à noite, Millsh continua movimentada, o que não era comum em dias normais.

A casa de veraneio da família Hills era um pouco afastada do centro, mas não tanto quanto as mansões. Essas, sim, eram muito longe e pareciam fazer parte de uma comunidade só de ricos.

Estacionei o carro em frente a casa que Paul estava e buzinei duas vezes antes de sair do carro para esperá-lo, encostado no carro. Como era uma rua residencial, estava bem mais vazia do que o centro da cidade.

Não demorou muito, e logo Paul apareceu. Ele estava lindo, como sempre. O cabelo loiro com alguns cachinhos estava um pouco molhado, e ele vestia uma bermuda preta e uma blusa de botões com uma estampa floral, combinando com um cordão dourado, que ressaltava bem seu peitoral, já que os primeiros botões da blusa estavam abertos.

Muito gostoso.

— Oi, Marc — Paul me cumprimentou quando estava bem próximo a mim, apoiando suas mãos no carro, uma de cada lado da minha cintura.

— Oi, gatinho — disse, e levei meus braços ao seu pescoço.
— Posso te beijar?

— Você ainda pergunta?

Sem esperar mais, puxei o loiro ao meu encontro e selei nossos lábios. Sua língua, ansiosa, pediu passagem para minha boca e eu, claro, deixei. As mãos dele foram diretamente para minha cintura, me pressionando ainda mais na lataria do carro. Sorri contra ele, e virei um pouco a cabeça, para aprofundar um pouco o beijo, mas Paul pareceu não concordar. Ele se afastou um pouco e deixou alguns selinhos antes de me encarar.

— Se não pararmos por aqui, vou querer te comer aqui mesmo, na rua e com meus pais a metros de distância — ele avisou, me fazendo sorrir.

— Isso seria ruim? — provoqueei, e o rapaz se aproximou para puxar meu lábio inferior entre os dentes.

— Não queria que essa fosse a primeira impressão dos meus pais sobre você — ele murmurou bem próximo a minha orelha e deixou uma mordidinha no lóbulo. — E eu também quero muito ir ao cinema.

— Vamos terminar isso depois? — perguntei, esperançoso.

— Você sabe que sim — Paul respondeu, e eu deixei um beijo em seu pescoço.

— Vamos, então — falei, me distanciando dele e abrindo a porta do passageiro.

— Uau, que cavalheiro — ele disse, com um sorriso sacana.

— Eu faço o que posso — respondi, dando de ombros e rindo junto com ele.

Fechei a porta em seguida e segui para o lado do motorista. Dei partida no carro e dirigi até o *drive in*. Inconscientemente ou não, apoiei uma das mãos na coxa de Paul. E, para minha surpresa, ele pareceu gostar do gesto, porque entrelaçou sua mão na minha. Nós seguimos até o destino assim, de mãos dadas e conversando um pouco sobre os artistas e músicas que tocavam na rádio.

Chegando no terreno que passaria o filme, estacionei o carro na vaga mais próxima do telão, e saímos para comprar algo para comermos. Acabamos escolhendo um balde grande de pipoca, dois refrigerantes e alguns chocolates.

— Você ainda não me disse qual filme vai passar — Paul comentou assim que voltamos para dentro do carro.

— Verdade! Mas antes de eu falar, preciso deixar claro que se você não gostar desse filme, não podemos mais ser amigos.

— Não queria mesmo ser só seu amigo — o loiro respondeu, com um sorriso de lado e recebeu um tapa não muito forte no braço.

— Estou falando sério, babaca! É muito importante para nossa relação — eu afirmei *de novo*, bem sério. — Preparado? Controle sua reação — sugeri, apontando um dedo em sua direção e ele ri.

— Fala logo, preciso saber o futuro do nosso relacionamento.

— *Clube dos Cinco* — joguei a bomba de uma vez. Ele não esboçou nenhuma reação, pelo contrário, seu rosto exalou tédio. — E aí?

— Bem... — ele começou a falar, e eu já esperava pelo pior. — É claro que eu gosto, Marc. Tem como não gostar deste filme?

— Você me deu um susto, Paul Hills! — exclamei, um pouco surpreso por ele conseguir me enganar. — Já achei que teria que terminar com você antes mesmo de iniciarmos algo.

— Se depender de mim, não vamos ter que terminar nada nunca — Paul disse, e meu coração pareceu querer sair do peito.

— Paul...

— É sério, Marc. Independente do que acontecer depois que o verão terminar, quero continuar com isso — Ele alternou o dedo entre nós dois —... por um bom tempo. Se você quiser, é claro.

— Você está doido? É óbvio que quero, Paul! — respondi e me inclinei para beijá-lo. Não passou de um selinho, um pouquinho mais demorado que os comuns, mas tinha muito mais ali do que em qualquer beijo que já trocamos.

— Se eu for para a faculdade de Direito, vamos dar um jeito de fazer isso dar certo, tudo bem? — afirmou mais uma vez, e eu

notei algo estranho em sua fala.

— Se você for? Você não quer ir?

— É... complicado — ele respondeu, meio incerto e coçou a nuca. — As vezes eu penso na possibilidade de... sei lá... fazer um mochilão por aí? É algo que eu quero muito.

— E por que você não faz isso? Você ainda é jovem, Paul, pode entrar na faculdade em outro momento.

— É, talvez — ele respondeu, um pouco seco. E entendi que era a deixa para mudar de assunto.

Eu perguntei se ele queria ir à feira que vai ter depois de amanhã, onde tem a barraquinha de comidas brasileiras, e ele topou de ir comigo. Com a mudança de assunto, ele pareceu mais leve, então anotei mentalmente que falar sobre faculdade e o que aconteceria depois do verão era um terreno perigoso com ele. Mas, em algum momento, teremos que conversar melhor sobre isso.



Acho que este verão foi o melhor que já tive. Queria dizer que não era só por Paul ter aparecido na minha vida, mas como um bom cara apaixonado, não irei mentir. Ele era o motivo de tudo estar sendo tão bom.

Se não fosse por ele, eu estaria sem ninguém, já que Lauren, aparentemente, desapareceu. Ela não responde minhas ligações, não a vejo andando pela cidade mais e nem Joe eu encontro. Não

tenho ideia de onde essa garota se meteu, mas estou *tentando* não me importar, já que parece que ela não se importa o suficiente comigo para dar sinal de vida.

Paul estava me ajudando nisso. Nesses quase três meses, nós nos vimos praticamente todos os dias. Se não conseguíamos nos ver, continuávamos com a rotina de nos falar por telefone todas as noites antes de dormir.

Neste verão, nós já fizemos de tudo. Desde a primeira vez no drive-in, já fomos mais três vezes! Os filmes mudavam toda a semana, então, sempre que algum interessante estava passando, nós combinávamos de ir. Fomos, também, ao parque de diversões na cidade vizinha, e descobri que Paul tinha medo de altura, quando chamei-o para ir na roda gigante. Ele topou, para fingir ser corajoso, mas assim que chegamos no topo, ele quase chorou. Tentei acalmá-lo um pouco, e ele ficou tranquilo, até sairmos do brinquedo. Ele foi direto ao banheiro vomitar. Depois dessa situação, preferimos voltar para Millsh e terminar nossa noite em um bar (o único) que tinha por aqui.

Voltamos algumas vezes na cachoeira escondida também, e até nadamos pelados! Isso foi um pouco mais difícil de convencer Paul, mas depois de um pouco de insistência e algumas indiretas do que poderíamos fazer dentro d'água, ele concordou. Foi muito divertido! O lago também era outro local que não cansávamos de ir! Andamos de pedalinho, mergulhamos e pegamos sol, comendo um pouco de pipoca e sorvete, que vendem por lá. Nesta altura do campeonato, eu acreditava que todos os cidadãos da nossa pequena cidade já saibam que éramos um casal. Não oficializamos nada, mas conversávamos sobre exclusividade — como se eu fosse querer ficar com outra pessoa sem ser o loiro inteligente — e sobre rótulos. Estávamos bem do jeito que estávamos, e continuaríamos assim.

Em um dos passeios que os pais dele fizeram, durou o dia inteiro, então aproveitamos a casa vazia. Eu fui sem intenção nenhuma — juro! — mas, no final, acabamos transando pela primeira vez. Talvez seja meu coração apaixonado falando, mas foi o melhor

sexo da minha vida! Depois daquela vez, não nos desgradamos mais, e sempre que conseguíamos, dávamos uma escapada para repetir a dose.

Com o ótimo sexo, também veio algumas preocupações. O clichê de "como vou encontrar alguém que faz tão bem como ele?" e a resposta era: *não vou*. O que sempre me fazia lembrar que ele iria embora no fim do verão, para a faculdade de Direito, e ainda não tínhamos conversado sobre como nossa relação ficaria. Isso se ele fosse para a faculdade. Pelo pouco que consegui arrancar dele, Paul não quer ir, neste momento, para a universidade de novo, ele queria aproveitar um pouco a juventude e realizar alguns sonhos.

Enfim, tentei não pensar sobre nada disso para não entristecer nossos momentos juntos.

Meus pais foram viajar nesse fim de semana, deixando a casa só para mim. Chamei Paul, claro, e estava esperando-o chegar. Preparei até um jantar para nós. Pedi à mamãe a receita do macarrão com camarão — e confirmei com meu garoto se ele não tinha alergia a frutos do mar — e ela me ajudou, por telefone, a fazer a comida.

Perto das sete da noite, ouvi a campainha tocar e me apressei até a porta de entrada, dando de cara com Paul.

— Oi, lindo — ele me cumprimentou, deixando um selinho na minha boca.

— Oi, gatinho — eu falei e abri passagem para ele entrar.

Levei-o até a sala de jantar, onde arrumei a mesa e disse para ele esperar ali, que já precisava buscar a travessa com comida e as bebidas também. Ele insistiu que queria me ajudar, mas eu afirmei, várias vezes, que ele era o convidado e que eu que faria tudo nesta noite. Fui rapidamente até a cozinha, para tirar o macarrão com camarões do forno e o levei até onde Paul estava. Depois, passei na adega e peguei um vinho branco, junto com duas taças.

— Uau. Parece estar incrível — Paul elogiou assim que voltei, enquanto servia a bebida para a gente.

— Sabe o que dizem, temos que conquistar o homem pela barriga — eu respondi, e sorri. Era um ditado bobo, mas poderia funcionar.

— Está tentando me conquistar, Marcus? — Paul brincou, e eu revirei os olhos, me sentando na cadeira ao seu lado. — Você sabe que já me conquistou desde o primeiro dia, lindo.

— Para de dizer essas coisas! Eu fico com vergonha — disse, mas nós sabíamos que não era verdade.

— Até parece que eu consigo te deixar com vergonha, Marc — ele respondeu e nós rimos.

O jantar correu bem. Conversamos bastante, como sempre. Eu gostava muito das sensações de pertencimento e conforto que sentia quando estava com Paul. Por mais que fossemos bem diferentes, ele me entendia como ninguém. Arrisco dizer que até mais do que Lauren.

Não.

Não queria pensar nela agora.

— Hm... então... já sabe o que vai fazer depois do verão? — perguntei, e já sabia qual seria a resposta dele.

— Marc...

— Não podemos adiar essa conversa pra sempre, Paul — o repreendi. — Temos que saber o que vai acontecer entre a gente.

— Eu vou para a faculdade de Direito. Vamos nos comunicar por ligações, cartas e eu posso te visitar em alguns finais de semana.

— Paul... — falei seu nome de uma maneira carinhosa, e olhei no fundo dos seus orbes. — Você não quer ir para a faculdade no semestre que vem.

— Marc, você...

— É sério, Paul — tentei argumentar mais uma vez, segurando sua mão. — Você tem o privilégio de poder tirar um ano ou semestre sabático, e deveria aproveitar. Você deveria seguir seu sonho e fazer seu mochilão.

— Não sei se meus pais aceitariam isso — ele confessou, parecendo um pouco chateado.

— Você já conversou com eles sobre isso? — indaguei, mas, pela sua feição, sabia que a resposta era não. — Tenta falar com eles, gatinho. E mesmo se eles não concordarem, sabe, é a sua vida, né? Você é maior de idade.

— Eu... vou falar com eles, tudo bem? Prometo — Paul falou, depois de pensar durante por um momento.

— Vamos fazer dar certo, independente de tudo — garanti, e voltamos nossa atenção ao jantar.

Quando terminamos de comer, acabei cedendo e aceitei a ajuda de Paul para lavar a louça. Ele lavou e eu sequei, e acho que funcionamos muito bem assim. Com tudo em ordem na cozinha, fomos para meu quarto ver um pouco de tv.

Colocamos em algum programa qualquer, e continuamos com alguns papos. Não estávamos mesmo planejando assistir algo, mas Paul dormirá por aqui, pelo menos.

Um silêncio estranho se instalou no quarto em um momento, é foi deixa perfeita para eu tentar algo, e ver se o loiro estava afim. Apoiei minha mão em sua coxa, e, devagar, fui subindo pela sua perna.

— O que está fazendo, Marc? — Paul me perguntou, em um sussurro, já parecendo desconcertado pelo caminho que minha mão estava tomando.

— Carinho — respondi, achando graça.

— Você é um péssimo mentiroso — Paul disse, me pegando de surpresa ao me empurrar de leve no colchão e ficar por cima de mim.

Finalmente, Paul me beijou daquela forma que eu amava. Carinhoso, mas também um pouco selvagem. Ele era cuidadoso, mas não como se eu fosse de porcelana. Puxei-o pela nuca, aprofundando o beijo. Pouco a pouco, já estávamos sem roupa e sentindo nossas ereções se tocarem. A fricção estava me matando, e tudo que eu mais queria era ter o pau dele dentro de mim. Fosse na minha boca, ou na minha bunda.

Ansioso, eu troquei nossas posições, ficando por cima dele, e descii beijos e mordidas pelo seu corpo. Circulei seu mamilo com a boca, fazendo um pouco de sucção, e escutei-o gemer. Meu garoto tinha os mamilos sensíveis, e eu amava isso. Fiz o mesmo no outro, e descii meus lábios até chegar em seu membro rígido.

— Você é tão grande, gatinho. Quase não cabe na minha boca — eu disse, masturbando Paul.

— Marc... — ele chamou pelo meu nome em um gemido e eu pareci um adoelscente, quase gozando apenas com isso.

— Vou te colocar na minha boca, e vou te chupar todinho, entendeu, Paul? — perguntei, e ele assentiu, sem conseguir proferir nenhuma palavra. — Fode minha boca do jeito que só você sabe, gatinho.

E com isso, abocanhei seu pau. Ele realmente era grande, mas consegui engoli-lo quase totalmente. Uma das minhas mãos estava na sua coxa, e a outra acariciava as suas bolas. Paul gemeu meu nome de prazer, e eu fui à loucura. Quando seu membro tocou

minha garganta, pareceu ser o fim para o loiro. Ele forçou seu quadril para frente, fodendo com a minha boca, exatamente como eu gostava.

Não demorou muito, e logo ele gozou na minha boca. Eu engoli tudo. Delicioso.

— Fica de quatro, Marcus. Minha vez de te foder, e quero que seja nessa sua bunda gostosa — Paul mandou, e eu fiquei ainda mais excitado.

Fiz o que ele mandou, e fiquei de joelhos na cama, deixando meu cu bem aberto para ele. Ele pegou uma camisinha da mesinha de cabeceira e a vestiu em seu pau, se pondo atrás de mim.

— Quero que se masturbe enquanto te como, Marc — ele sussurrou no meu ouvido e eu concordei, não sabendo dizer não a este homem.

Ele pegou o lubrificante também, passando carinhosamente por toda minha bunda. Ouvi ele jogar a embalagem na cama e, não muito depois, senti seu pau me preencher, devagar.

— Mais forte, Paul — pedi em um gemido.

Paul enfiou seu membro em mim, mais forte e um pouco rápido, e o senti completo lá dentro. Uma sensação deliciosa tê-lo em mim. Ele começou a estocar forte em mim, enquanto minha mão fazia movimentos para baixo e para cima no meu pau. Eram muitas sensações, mas gostava de cada uma delas.

Com Paul dentro de mim e minha mão fazendo outro trabalho lá embaixo, não demorou muito para que meu orgasmo viesse, assim como o dele. Senti-o se desmanchar na camisinha, e ele saiu de dentro de mim, descartando o preservativo na lixeira ao lado da cama e voltando para o meu lado.

O sexo com Paul era o melhor de todos.

— O que acha de um banho? — ele perguntou no pé do meu ouvido, me abraçando por trás.

— Uma ótima ideia.

Capítulo 4



Paul

A primeira coisa que notei quando abri os olhos foram os raios de sol vindo diretamente nos meus olhos. Pisquei algumas vezes até me acostumar com a claridade, e quando minha visão voltou ao normal, notei a segunda coisa naquela manhã: eu estava com meus braços em volta de um corpo muito quentinho e gostoso.

Marcus Jenkins.

Aos poucos, me lembrei da noite anterior. O jantar, o sexo e a nossa conevrsa, sobre como seria nosso futuro. Uma parte de mim ficava muito feliz dele estar pensando verdadeiramente em algo duradouro comigo, mas a outra parte, estava um pouco triste. Qualquer que fosse minha escolha — faculdade ou um ano sabático — iremos ficar separados. Só ficaríamos juntos caso eu escolhesse a segunda opção. Eu poderia ficar em Millsh. Mas não era o que eu queria por enquanto, e Marc também não aprovaria a ideia. Ele sabia que minha maior vontade era viajar pelo mundo antes de entrar na escola de Direito.

Quando chegasse em casa, conversaria com meus pais. Sentaria na mesa da sala de jantar com eles e falaria sobre tudo. E torcia para que eles me entendessem e me apoiassem, em qualquer decisão que eu tomasse.

— Bom dia, gatinho — Marc disse, sem abrir os olhos. Nem sabia que ele estava acordado, mas assim que ouvi sua voz rouca, apoiei meu queixo em seu peitoral para olhá-lo, e acariciei seu maxilar.

— Não sabia que estava acordado — comentei.

— Estava te observando há um tempinho — ele confessou e, finalmente, abriu os olhos, me dando um selinho rápido. — Agora sim, um bom dia excelente. — Eu ia responder com alguma piadinha, mas minha barriga roncou tão alto que não consegui e nós dois rimos da situação. — Com fome, *uh?* Podemos fazer nossas coisas no banheiro e depois descer para comer, o que acha?

— Eu e minha barriga achamos incrível — respondi, ainda rindo um pouco.

Marcus foi o primeiro a usar o banheiro, já que disse que iria preparar o café da manhã e precisava de um pouco de tempo. Ele não demorou muito, não passou de vinte minutos — e ainda tomou banho! — e logo ele estava deixando a porta aberta para mim. Ele me deu um selinho e foi para a cozinha.

Ao contrário de Marc, eu demorei quase meia hora no banheiro. Tomei banho e usei uma toalha que tinha sido deixada para mim, usei as escovas de dente do dia anterior — ele abriu uma nova embalagem para mim, porque esqueci a minha em casa — e coloquei uma muda de roupas que tinha trazido na mochila. Usei bastante desodorante, porque também não tinha levado perfume, e saí do banheiro para encontrá-lo e comermos juntos.

Foi só eu colocar os pés para fora que senti o cheiro delicioso vindo da cozinha. Chegando no ambiente, me deparei com um Marcus sem camisa em frente ao fogão, fazendo panquecas. Uma das minhas comidas preferidas, e tinha quase certeza de que comentei isso com ele em algum de nossos encontros.

— O cheiro está uma delícia — comentei, abraçando-o por trás e colando minha bochecha em suas costas. — Não mais que o

cozinheiro, no entanto.

— E você está bem cheiroso também — ele respondeu, virando-se de frente para mim e colocando os braços no meu pescoço. — Agora, vai se sentar, que vou servir a gente — eu ia interromper, oferecendo ajuda, mas ele foi mais rápido: — Nem pense em oferecer sua ajuda. Já disse, você é o convidado. Vaza, vai, vai. — Ele me virou pelos ombros e me deu leves tapinhas na bunda para eu ir até a sala de jantar.

Alguns minutos depois, Marc apareceu com nossas panquecas. Ele colocou morangos e mirtilos, além de trazer xarope para a cobertura. Ele voltou rápido para a cozinha e pegou o café que também tinha feito, nos servindo.

— Então é assim que é ser namorado de Marcus Jenkins? Incríveis jantares, noites de sexo e um ótimo café da manhã? — provoquei, fazendo o rir.

— Não sabia que éramos namorados — ele comentou, não olhando para mim ainda.

Nós tínhamos conversado há um tempo, e decidido que não usamos nenhum rótulo para nos nomear. Ambos concordamos nisso, mas de um tempo para cá... tudo que quero é chamá-lo de namorado.

— Bem, você quer ser meu namorado? — perguntei e foi só então que ele me encarou.

— A pergunta não seria se você quer ser o meu namorado? — Marcus disse, provocativo.

— É claro que quero, Marc. É o que mais quero no momento — respondi sem nem hesitar e sem mais brincadeiras. Ele se inclinou e depositou um beijo na minha bochecha.

— Eu adoraria ser seu namorado também.

Eu sorri diante da sua afirmação e continuei assim durante todo o café da manhã. Marcus tinha despertado vários sentimentos em mim, sentia com ele coisas que nunca senti por ninguém, até mesmo por namorados de longa data. Quando olhei para o moreno na minha frente, vi amor, companheirismo, amizade, carinho e cumplicidade. Eu era apaixonado pela relação que construímos em tão pouco tempo, mas que era muito intensa, e não mudaria por nada.

Eu era apaixonado por Marcus Jenkins.

Ainda sorrindo que nem bobo, ajudei Marc a lavar a louça e arrumar um pouco da bagunça que fizemos, já que seus pais chegariam na parte da tarde. Com tudo em ordem, me despedi dele com alguns — vários — beijos e peguei minhas coisas, pronto para ir para casa. Ele até me ofereceu carona, mas eu preferi ir andando. Era melhor ter apenas a minha companhia enquanto eu planejava o que falaria com meus pais quando os encontrasse.

Fui o caminho e memorizando o discurso para eles, mesmo sabendo que na hora falaria o que me desse na telha. Nunca fui muito bom em seguir o roteiro, apesar de adorar fazê-lo para tudo. No momento que eu precisava, confiava em mim mesmo para dizer a coisa certa.

O que não me impedia de ficar nervoso. Senti minhas mãos tremerem quando entrei em casa, mas tentei controlá-las. Encontrei meus pais já acordados, tomando café da manhã.

— Bom dia, querido — mamãe me desejou e eu retribuí.

— Senta com a gente, filho — meu pai me chamou, e eu assenti, me sentando em uma cadeira na frente deles.

— Aconteceu alguma coisa, querido? Você está um pouco estranho — é claro que minha mãe perceberia que tinha algo errado. Não era errado, mas precisava conversar com eles. Malefícios de ter

uma relação tão boa com os pais que eles te conhecem como ninguém.

— Eu... hm... preciso conversar com algo com vocês — comecei a dizer, e eles acenaram com a cabeça para que eu continuasse. — Não sei se quero entrar para a faculdade de Direito no próximo semestre. Na verdade, eu sei que não quero. É, não quero mesmo. Eu adoro o curso e estou doido para começar a cursar, mas não por agora. Ainda sou jovem, e quero aproveitar um pouco a vida, sabe? Quero pegar o dinheiro que juntei todos esses anos, e com uma ajudinha de vocês, se puderem, claro, e tirar um semestre sabático. Um semestre em que eu passaria viajando e conhecendo vários destinos que sempre sonhei. E eu sei o que vocês vão dizer...

— Paul, filho... — papai tentou me interromper, mas eu fiz um sinal para que ele esperasse eu terminar.

— E eu sei que vocês vão, provavelmente, dizer que não, mas estou aqui, de coração aberto e colocando as cartas na mesa com vocês. Estou sendo honesto sobre meu futuro e sobre o que eu realmente quero fazer. Eu poderia simplesmente partir para um mochilão e não falar nada, mas nossa relação não é assim. É isso. Espero que... hm... não me deserdem.

— Querido... — mamãe me chamou, segurando minha mão por cima da mesa. — É claro que não vamos te deserdar, meu amor. E é mais claro ainda que te apoiamos nessa decisão, assim como em qualquer hora. Você é livre para fazer o que bem entender, mas ficamos felizes que goste de compartilhar com a gente. Não é, Will?

— Exatamente, filho. Nós temos muito orgulho de você, e sabemos que qualquer escolha que fizer será a certa, porque está seguindo seu coração. Se você quer tirar um semestre para viajar ao mundo, então faça isso. Use suas economias e eu e sua mãe ajudaremos no que precisar — meu pai garantiu, me fazendo sorrir.

Eu não sabia o que esperar da reação deles com a notícia de que eu ficaria seis meses sem estudar, apenas conhecendo uma parte do mundo e realizando meu sonho. No entanto, não poderia ter sido melhor.

Com meus pais e Marcus me apoiando nesta decisão, eu sabia que estava completo e realizado.



Os dias seguintes de contar meu sonho de viajar uma parte do mundo para os meus pais foi um pouco caótico.

Eu só queria passar seis meses viajando, tirando um semestre sabático, mas, para isso, precisamos começar a resolver tudo e embarcar no fim do verão em um avião. Meus pais e Marcus foram meu principal apoio para tudo isso acontecer, então é claro que eles estavam me ajudando em tudo. Inclusive, minha mãe e meu pai finalmente conheceram Marc, e foi um encontro muito interessante.

Eles tinham ido fazer um passeio, então chamei Marc para ficar um pouco em casa comigo e, de quebra, me ajudar a resolver algumas pendências da viagem. No entanto, devido à chuva que começou de repente, o passeio deles foi cancelado, fazendo-os voltar mais cedo, e encontrando-nos em casa. Não tive outra saída, senão apresentá-los.

Minha mãe se apaixonou por ele logo de cara, principalmente quando ele contou da floricultura que herdaria dos pais e começou a falar sobre os significados das flores, até citando o buquê que eu a presenteei, e ela ficou maravilhada. Tenho certeza que se ela fosse

alguns anos mais nova, largaria meu pai por ele. Não a culpo, eu também largaria qualquer pessoa por Marc.

Papai também gostou dele. Eles conversaram sobre assuntos diferentes do habitual para meu namorado, mas, no final de tudo, se entenderam muito bem. Marcus foi embora naquele dia com sogros que o adoravam. Minha mãe até falou de casamento e filhos! Ele ficou um pouco assustado, porque ainda éramos muito novos, mas não descartou a ideia, afirmando que esperava o dia que se casaria comigo.

Depois de se conhecerem oficialmente, Marc não saiu mais da nossa casa. Estava sempre lá me ajudando em tudo da grande viagem. Não podia ser mais grato por ter um namorado tão incrível. E quando não tínhamos tanta coisa para fazer em relação a isso, sempre tiramos um tempo para ir na nossa cachoeira, parque de diversões ou comer alguma comida brasileira na freira que acontecia semanalmente em Millsh. Minhas férias não poderiam ser melhores!

Estávamos nos últimos ajustes da minha despedida, que seria bem pequena, e senti o Marc um pouco preocupado. Ele me disse, mais cedo, que Lauren sempre o ajudava a organizar festas, e não tê-la aqui, deixava-o um pouco triste. Não fazíamos ideia do que tinha acontecido com a loira, apenas que ela não atendia as ligações de Marcus e quase não estava em casa. Eventualmente, ele acabou desistindo de tentar contatá-la, mas sabia que ele ainda sentia falta da melhor amiga.

— Como você está? — perguntei, chamando a atenção do meu namorado, que estava batendo a massa do bolo.

— Quê? Eu estou ótimo, amor — ele respondeu, sem olhar para mim, então soube que não estava mesmo nada bem.

— Eu te conheço, Marc, sei que você não está bem. É a Lauren, né? Você sente muita falta dela ainda?

— Todos os dias — ele disse, sem hesitar.

— Os pais dela realmente não querem revelar nada? — Eu já sabia a resposta, mas torcia para que algo mudasse e os pais contassem o paradeiro da filha.

— Eu já cansei de tentar, amor. Eles não me contam nada. E se aconteceu alguma coisa ruim com ela?

— Se fosse o caso, eles teriam contado, Marc — eu disse, mesmo não tendo tanta certeza. Não conhecia Lauren muito bem, muito menos os seus pais, mas preferia acreditar no melhor das pessoas.

— Tudo bem, vou acreditar em você — ele falou, por fim, parecendo um pouco incerto. — Me fala quantas pessoas vem de novo, para eu fazer um bolo do tamanho ideal — ele pediu, mudando de assunto.

— Meus pais, você, os seus pais, o Hugo da sorveteria, dois amigos que fiz na faculdade... — eu respondi, tentando lembrar de todos os nomes. — Silvia, da barraquinha de comidas brasileiras e o marido dela... acho que só.

— Perfeito, acho que tudo vai dar certo — ele garantiu, e voltou a bater o bolo.

A minha despedida será amanhã, e eu viajarei alguns dias depois, saindo do aeroporto mais perto de Millsh. Como não éramos daqui, eu e meus pais passamos um fim de semana em casa, para pegar mais roupas minhas e uma mala de mão. Por isso, tudo já estava devidamente arrumado para minha partida.

Era difícil de acreditar que minha vida tinha mudado tanto em tão pouco tempo. Em uma viagem de férias, conheci o amor da minha vida, que me fez enxergar meu verdadeiro sonho e me apoiou. Nunca imaginei que isso aconteceria, mas fiquei muito, muito feliz que tudo ocorreu da maneira que deveria ser.

Eu convidei Marc para ir comigo, mas ele negou prontamente. Afirmando que viajar pelo mundo e conhecer lugares novos era o

meu sonho, não o dele, e que eu precisava fazer isso sozinho. Além disso, ele ainda tinha que terminar o curso na universidade e se preparar para assumir a floricultura dos pais em alguns anos. Admitia, fiquei um pouco chateado, mas depois entendi o que ele quis dizer, e respeitei a decisão dele. Ele tinha os sonhos dele, e eu tinha os meus, e tudo bem se conquistássemos eles separados, desde que comemorássemos juntos no final.

Após me ajudar a arrumar tudo para o dia seguinte, Marcus voltou para casa. Ele apareceria no dia seguinte, junto dos pais, para nos despedirmos. Ele me levará no aeroporto, mas amanhã será a despedida oficial para todas as pessoas próximas.

Estava um pouco triste de deixá-lo para trás, com pouco tempo juntos, mas, no fundo, sabia que era o melhor. Precisávamos crescer separados para ficarmos juntos, e acreditava que o universo tinha preparado o melhor para a gente.



— Vou sentir tanto sua falta, cara! — meu amigo da faculdade disse, me abraçando.

Já ouvi tantos "vou sentir saudades", "vê se volta" e "mantenha contato" que parei de contar. E claro, todos me fizeram prometer que eu tiraria várias fotos, e algumas pessoas até me pediram para mandá-las por correio.

Todos meus convidados estavam no quintal da nossa casa de veraneio em Millsh. Meu pai estava preparando hambúrgueres na churrasqueira, e minha mãe estava arrumando a mesa com pães,

ketchup, mostarda... todos os acompanhamentos para cada um fazer seu lanche.

Depois de cumprimentar meus dois amigos da faculdade, que vieram juntos, voltei para onde estava. Ao lado de Marcus, em um banco de madeira.

— O universo com certeza quis juntar a gente — ele disse assim que me acomodei ao seu lado, se aconchegando perto de mim. — Até a sua casa de férias está cheia de flores. Fala sério, nós éramos para ser desde o primeiro dia. Ou até antes disso.

— Não tenho dúvidas disso — respondi, dando um beijo em sua bochecha. — Tem certeza de que não quer ir comigo?

— Se você me perguntar isso mais uma vez, vou te fazer comprar minhas passagens e me bancar em toda viagem. Aviso logo que adoro comprar souvenirs que não servem para nada e comer nos restaurantes mais caros.

— É só que... vou sentir sua falta, Marc. Tivemos muito pouco tempo juntos — admiti.

— Vamos ter o resto da vida para recompensar esses seis meses, amor — ele me garantiu, me olhando com aqueles lindos olhos castanhos.

— Você planeja passar o resto da sua vida comigo, uh? — brinquei.

— Claro que sim, seu palhaco! Agora que te tenho para mim, é para sempre — ele respondeu, sem hesitar em nenhum momento.

— Acho que adoraria passar meu *para sempre* com você — falei, e fui surpreendido por um beijo do meu namorado.

Nossas línguas se encontram assim que nossos lábios se tocaram, e levei minhas mãos imediatamente para sua cintura, puxando-o para perto. Marc repuxou alguns cabelinhos loiros da

minha nuca, e virou um pouco a cabeça para aprofundar o beijo. Sentirei falta de beijá-lo. E de transar com ele. De ir ao parque de diversões, na cachoeira... sentirei muita, muita saudade do amor da minha vida.

— Marc — eu disse, partindo o beijo e colando nossas testas.
— Eu te amo — falei, sem pensar muito.

Era a mais pura verdade e eu só estava esperando o momento certo para dizer. Achava que tinha me apaixonado por Marcus Jenkins na primeira vez em que nos vimos. Nunca imaginei que amor à primeira vista existisse, mas tirei a prova de que existe e acontece na vida real mesmo.

— Paul... — ele tentou falar, mas as lágrimas escorreram por seu rosto e ele não poderia ficar mais lindo do que neste momento.
— Eu também te amo, amor. Muito, muito e muito.

— Você... vai me esperar, certo? Quer dizer, você não precisa se não quiser. Pode ficar com outras pessoas e tudo mais — disse, um pouco nervoso.

— É óbvio que vou te esperar, seu cretino — ele respondeu, me fazendo sorrir. — Não quero ficar com mais ninguém. Você é meu primeiro e único amor, Paul.

— Marc, pare. Você vai me fazer chorar também — avisei, tentando controlar as lágrimas que queriam sair.

— Guarde essas lágrimas para nosso casamento, homem. Quero ver você chorando quando eu pedir sua mão — ele falou, me fazendo rir.

— E quem disse que você vai me pedir em casamento e não o contrário?

— Nem ouse, Paul Hills — ele advertiu, apontando um dedo na minha cara.

Infelizmente, fomos interrompidos por mamãe, chamando-nos para comer.

Ali, junto com Marc e todas as pessoas que eu amava, era meu espaço feliz. Era minha motivação para voltar no fim da viagem, e não dar a louca e ficar por algum país por lá mesmo. Eles eram minha felicidade, minha família e meu lar. Por mais que eu estivesse super ansioso para passar seis meses conhecendo lugares incríveis, também não podia esperar para voltar e reencontrar todos eles.

Capítulo 5



Marcus

Querido Marcus,

Sinto sua falta.

Desculpe começar todas minhas quartas assim, mas o outro sentimento mais forte que sinto por você neste momento, depois de amor, é a saudade.

Tenho saudades de acordar do seu lado, da sua comida e de passar todos os dias do meu verão ao seu lado. Acho tão injusto que só tivemos alguns meses juntos! Mas tento não pensar nisso. Você disse que o universo traçou nosso caminho assim, porque iríamos ficar juntos para sempre. E o para sempre é muito maior que seis meses separados.

Tudo bem, vou tentar não ser repetitivo e chato nesta carta — como em todas as outras em que eu falei que te amava e sentia sua falta.

Agora estou na Tailândia, numa das praias mais incríveis que já vi na vida! Provavelmente te contei em outra correspondência, mas sempre que escrevo para você, prefiro fazer isso com uma visão esplêndida, para me dar criatividade, sabe? E essa vista, de todas que vi até agora, é uma das mais lindas. Vou enviar um cartão-postal também para você saber um pouquinho do que estou tentando transmitir.

Estou contando os dias para estar de volta e no seus braços.

Com amor,

Seu Paul.

Sempre que sentia muitas saudades de Paul, pegava uma de suas milhares de cartas para ler e sentia ainda mais a falta dele. O que podia dizer? Gostava de me torturar.

Era dia dos namorados, então era claro que gostaria que ele estivesse aqui, mais do que nunca. Sentia falta dos seus cachinhos dourados, seus olhos e seu cheiro maravilhoso. E toda vez que alguém aparecia para comprar um buquê para a pessoa amada, e eu explicava sobre as flores e seus significados, me teletransportava para o dia que nos conhecemos. Foi amor à primeira vista. Desde então, estamos namorando há quase 8 meses. Ele era o meu relacionamento mais longo. Era também a única, primeira e última pessoa que já amei e vou amar.

Estava morrendo de saudades do *meu* Paul!

Era para ele ter chegado há uma semana em Millsh, mas houve algum problema em casa e ele só deve aparecer nos próximos dias, prometendo que iria me avisar quando estivesse vindo. Quando ele me explicou isso — sem dar muitos detalhes — sugeri que eu fosse até a casa de seus pais, porém, ele negou de primeira e disse que o combinado era ele ir até onde eu estava, e ele iria.

Que.

Merda.

E eu ainda concordei com essa besteria. Já devia ter ido encontrar meu amado logo que ele chegou nos Estados Unidos. Poderíamos estar passando nosso primeiro dia dos namorados juntos, poxa. Assim que eu saísse do meu turno na floricultura, ligaria para Paul e teríamos nossa primeira briga.

Frustrado, fui contar o dinheiro do caixa, quando ouvi o sininho da porta tocar. Que ótimo. Mais um cliente comprando um lindo buquê de dia dos namorados e eu sem poder estar perto do meu. Isso é tortura!

— Boa tarde, em que posso... — parei minha fala no meio quando vi quem estava caminhando até o balcão.

Paul Hills.

O meu Paul Hills.

Em Millsh.

Na Jenkins Flores.

Ainda sem acreditar, me belisquei para ver se realmente estava acontecendo. Doeu para caralho. É, ele realmente estava aqui. Com um buquê de rosas lilases! Estava sonhando mesmo, não era possível.

— Surpreso? — Paul perguntou, com aquele lindo sorriso.

Não consegui responder, apenas percorri o pequeno espaço que restava entre nós e pulei em seu colo, rodeando sua cintura com minhas pernas. Afastei um pouco a cabeça do seu pescoço para olhá-lo, e não resisti. Beije-o. Era um beijo diferente de todos os outros que já demos, porque era um beijo de saudade e muito amor. Estava sentindo tanta falta de sua língua dançando com a minha.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, tentando me recuperar da surpresa.

— Vim ver o amor da minha vida — ele respondeu, me colocando no chão.

— Você devia ter aparecido há semanas, seu babaca! — reclamei, batendo de leve nele.

— Eu sei, meu amor, mas precisei de tempo para planejar algo.

— Paul, eu não acredito que...

Não tive tempo para terminar de falar, porque Paul Hills estava se ajoelhando na minha frente. Puta que pariu. *Não, não*. Isso não podia estar acontecendo de verdade. Confirmando minhas suspeitas, ele tirou uma caixinha de veludo do bolso do casaco. Eu senti que podia desmaiar a qualquer momento.

— Marc, desde a primeira vez que te vi, me apaixonei por você — ele começou a dizer, e meus olhos já se encheram de lágrimas. — No momento, eu não soube, mas olhando para trás, sei que meu coração bateu mais forte assim que você olhou para mim aqui, meses atrás, pela primeira vez. Nossos poucos meses juntos foram incríveis, amor, e eu não poderia ser mais grato por ter na minha vida. Você é muito melhor do que tudo que já sonhei.

"Não imaginava que fosse encontrar meu melhor amigo e o amor da minha vida em uma pessoa só, mas você apareceu e me fez mudar de ideia. Não só em relação a isso, mas você também me ajudou e me incentivou a seguir meu sonho. Os meses que passei fora foram espetaculares, e eu não faço ideia de como cogitei não fazer essa viagem. No entanto, nada se compara a estar de volta nos seus braços. E, durante meus meses em outros países, pude confirmar uma coisa. Eu quero você para sempre, Marcus Jenkins. Quero tudo que você tem para me oferecer. Esse buquê de rosas lilases foi pensado especialmente para você. Passei aqui alguns dias atrás e, com a ajuda de seus pais, escolhemos as flores que mais representam a nossa relação. Significa amor à primeira vista, que foi o que aconteceu entre a gente, e encanto, porque eu fiquei encantado por você assim que te vi. Então, Marc, você poderia me dar a honra de ser meu para sempre?"

Paul perguntou, abrindo a caixinha e me mostrando o lindo anel de ouro.

Neste momento, não consegui mais controlar as lágrimas, e já estava chorando.

Me apaixonei por Paul Hills à primeira vista, assim como ele por mim, mas nunca imaginei que isto estaria acontecendo. Claro, já tínhamos conversado sobre casamento e filhos, e eu disse que não queria esperar muito para nenhum dos dois, mas... ele me pegou totalmente desprevenido.

E eu não poderia estar mais feliz!

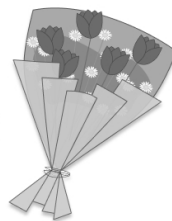
— É claro que eu aceito, meu amor! — exclamei, me jogando em cima dele.

Como esperado, nós caímos no chão, abraços e rindo bastante. Ele colocou o anel no meu dedo, com um sorriso no rosto e me beijou mais uma vez.

— Eu te amo, gatinho.

— Eu também te amo, meu amor.

Epílogo



Paul

Alguns anos depois

Eu não sei como concordei com a ideia de fazer um piquenique.

Estávamos na cachoeira, onde tivemos nosso primeiro encontro, anos atrás. Desta vez, no entanto, tínhamos mais companhias.

Jason e Alexia Hills-Jenkins.

Meus filhos com o amor da minha vida, Marcus Jenkins.

Caralho, nós tínhamos filhos, e isso ainda era um pouco surreal para mim.

Depois que pedi Marc em casamento, nós discutimos bastante sobre a questão das crianças e como faríamos. Decidimos que iríamos curtir um pouco a vida de casados, após algum tempo, pensar melhor em ser pais. Essa hora não só já tinha chegado, mas as crianças já estavam com cinco anos. Gêmeos. E eles eram as pessoas mais importantes para mim, todos eles. Minha própria família.

Meu marido com certeza diria que é tudo obra do universo, e eu estaria tentado a concordar com ele.

Fomos morar juntos um pouco depois que noivamos, em um mini apartamento perto da universidade. Ah, claro: eu escolhi fazer Direito na Universidade de Schönilla. O programa lá era ótimo, e ainda era perto de Millsh — minha nova cidade preferida — e conseguiria ter meu amor perto de mim. Então, durante os primeiros anos do nosso relacionamento, moramos em uma especie de *studio*, bem pequeno. Eventualmente, me formei na faculdade, consegui um emprego, Marc começou a trabalhar um pouco com arte plásticas... tudo estava se encaminhando bem, mas nada que não poderia melhorar.

Juntei um pouco das minhas economias e conheci bastante pessoas enquanto trabalhava em um escritório de advocacia famoso. Desse jeito, consegui abrir meu próprio escritório em Millsh. O

primeiro e o único na cidade. Para melhorar, os pais de Marcus decidiram passar a floricultura para o filho mais rápido do que esperávamos, porque queriam se aposentar de uma vez. Dono da Jenkins Flores, ele fez algumas melhorias na loja e tudo ficou ainda mais incrível.

Isso tudo possibilitou que comprássemos uma linda casa na parte mais afastada de Millsh, com vários quartos, piscina e tudo que tínhamos direito. Felizes e estabilizados, sabíamos que era o momento para dar o próximo passo: filhos. Foi difícil todo o processo, mas agora nada mais importava, porque já tínhamos os seres mais maravilhosos do mundo para chamarmos de nossos.

E eu amo os dois loirinhos, de verdade, mas agora que eles estavam se molhando na beira da cachoeira e voltando para o piquenique e, conseqüentemente, nos ensopando e as comidas também, eu estava pensando em prendê-los na areia e deixá-los quietos.

— Relaxa, amor. Eles são crianças, estão se divertindo — Marc me garantiu, quando percebeu que eu estava nervoso.

— Eles pediram para fazermos o piquenique no chão e agora estão bagunçando tudo, Marc — eu reclamei, parecendo uma criança mimada, e tinha a plena noção disso.

— Deixa as crianças curtirem, meu amor. Elas não estão fazendo nada de mais.

— Você está muito calmo, Marc, e eu não consigo ter essa paciência toda.

— Relaxa, amor. Pensa que vai ser pior quando elas crescerem — meu marido disse, mas não ajudou em nada. — Elas vão começar a sair sozinhas, trazer namorados e namoradas para casa, passar a noite em festas, chegar em casa bêbados e...

— Tá, já entendi! — falei mais alto, para ele parar de enumerar tudo que nossas lindas crianças vão fazer a gente passar

no futuro. — Queria que eles fossem crianças para sempre.

— Eu também, Paul, mas não estamos em *Peter Pan*, né? Quero muito ver até onde eles vão chegar.

— É, eu também.

Estava adorando essa nova fase dos gêmeos. Eles eram umas gracinhas, sempre com piadas na ponta da língua e nos surpreendendo com as falas às vezes. Mas agora que Marcus falou, mal podia esperar para vê-los crescerem e traçarem um futuro. Queria muito saber onde minhas crianças irão. Claro, adoraria ver um deles assumindo o meu escritório ou a floricultura da família, mas desde que sejam felizes, nada importa.

Meu Deus, estava chorando só de pensar no futuro deles. Realmente, estava ficando igual ao Marcus.

— Crianças! Vão querer bolo de chocolate? — Marc gritou, já que elas estavam na beira da cachoeira jogando água um no outro.

— É óbvio, papai! — Jason respondeu, e puxou a irmã pela mão até nossa toalha de piquenique.

Marcus cortou dois pedaços de bolo para nossos filhos, e ainda serviu um pouco de água para eles, para acompanhar. Ele me ofereceu um pratinho também, e eu aceitei, claro. Não podia recusar um bolo de chocolate que meu marido fez. Quando o peguei de sua mão, nossos dedos se encostaram, e senti aquelas borboletas no estômago, assim como no começo do namoro. Marc também as sentiu, porque sorriu para mim. Não importava quanto tempo passasse, seria sempre apaixonado por ele.

Aqui, recriando o local do nosso primeiro encontro, anos mais tarde, com nossa família, acreditava que o universo realmente fez a gente se encontrar para um bem maior. Não seria quem sou hoje sem Marcus, Jason e Alexia Hills-Jenkins.

Se eu pudesse presenteá-los com uma flor hoje, seriam duas: margaridas-rosa e tulipas.

Significam, juntas, alegria, amor verdadeiro e esperança.



Agradecimentos

Mais uma vez, obrigada por lerem um conto dedicado a uma data comemorativa escrito por mim!

Se você leu Papel, Abóboras e Amor (meu conto de Halloween que também está na Amazon) já sabe que eu AMO datas comemorativas e tenho uma meta de escrever um conto para cada uma. Não tem uma ordem específica, só vou escrevendo de acordo com as ideias que vão surgindo, e, desta vez, a escolhida foi dia dos namorados.

Um agradecimento especial a Bruno, que está no meu "lado escritora" há anos. Ele que fez a primeira capa do Projeto PIAF, há muito tempo, e me fez uma das pessoas mais felizes do mundo ao ver meu primeiro livro tomando forma. Agora, anos depois, ele fez oficialmente uma capa de um livro meu para a Amazon, e não poderia ter ficado mais linda e relacionada com a história. Obrigada por sempre topa tudo comigo, amigo.

Espero que vocês tenham gostado de ler o comezinho de história de amor de Paul e Marcus, e entender o lindo lar que Jason e Alexia pertencem.

Obrigada a todos que me acompanham e torcem pelo meu sucesso: sei quem é cada um e sou muito feliz por tudo isto.

Vejo vocês em um próximo livro, hein?

Com amor,
Cami.

Livros da autora

[Projeto PIAF: O Início](#)

[Papel, Abóboras e Amor](#)

[Trevo de 4 Folhas](#)